

180 anos de história e fé



Organização: Margret Möller

Colaboração (fotos): Carlos Caldeira

Design, tratamento de imagens e artes finais: Peltier Design

SUMÁRIO

Prefácio	7
180 anos de testemunho e serviço	9
Palavras de saudação	11
Apresentação	13
A CELURJ; uma história repleta de transformações	15
Primórdios	17
O primeiro Templo	17
O incêndio do Templo e suas consequências	18
O planejamento e os preparativos para a construção da atual igreja	19
Detalhes da atual Igreja Martin Luther de quando foi construída	20
As alterações posteriores	20
A descentralização da comunidade	24
O trabalho social de nossa comunidade	24
A indigenização da comunidade	25
Relação de pastores e diáconos desde 1837	27
O órgão da Igreja Martin Luther	28
Os vitrais	30
Do Frauenverein ao Hospital do Amparo	32
O brechó	33
Montagsgruppe	37
Coral	39
Grupo de Encontro Reflexão e Fé	41
Nosso passado recente	43
A Paróquia Bom Samaritano e os	49
180 anos da Comunidade Evangélica Luterana do Rio de Janeiro	49
Desafios da Igreja na Cidade (Presb. Paróquia Bom Samaritano)	53
Centro Social e Creche Bom Samaritano	55
Paróquia Esperança Niterói	59
Da Missão Suburbana à Paróquia Norte	65
Introdução	65
Comunidade Bom Mestre	66
Comunidade Castelo Forte	67
Comunidade Bom Pastor	70
Conclusão	73

Breve Histórico da Igreja Luterana	77
Nossa Igreja - nossa história	77
O movimento da Reforma	78
Quem somos? Em que cremos?	78
Saudações	81
EAC - Escola Alemão Corcovado	81
A comunidade Luterana do Rio de Janeiro e o Colégio Cruzeiro	83
Agradecimentos	85

PREFÁCIO

Atendendo ao pedido de escrever um prefácio para a edição comemorativa dos 180 anos de história da Comunidade Evangélica Luterana do Rio de Janeiro, quero partir do mesmo versículo bíblico que consta na capa da edição alusiva ao centenário, de 1927, da autoria do Pastor Friedrich Ludwig Hoepffner:

*Rendei graças ao Senhor, porque ele é bom;
porque a sua misericórdia dura para sempre. Salmo 106.1*

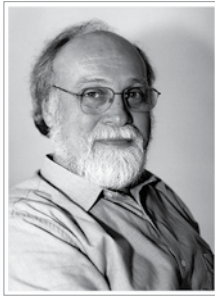
Também no marco histórico de 2007 cabe-nos sobretudo expressar novamente louvor e gratidão a Deus por sua fidelidade e misericórdia através da história desta comunidade e de suas paróquias. Pois quando um grão de mostarda, apesar de fraquezas e dificuldades, se desenvolve para uma frondosa árvore, com ramos estendidos a vários bairros e outras cidades, isto acontece graças à dinâmica do crescimento inerente ao reino de Deus e à mensagem do evangelho. Por isso, rendemos graça e louvor ao Senhor da Igreja.

Olhando para o caminho percorrido, é justo que nos lembremos também das pessoas que foram motivadas por Deus para construir comunidade na antiga capital do Império e, então, da República. Se o fato de ter sido capital facilitava uma série de trâmites, também sempre emprestava a esta comunidade uma posição de maior responsabilidade. O Rio era importante porto de chegada para muitos imigrantes ao Brasil, e eles careciam de acompanhamento pastoral, também nos navios. Assim, esta comunidade da IECLB foi ponto de chegada ou de passagem e ponto de referência para a presença evangélico-luterana no Brasil. [No mais, esta comunidade teve características muito semelhantes das demais que foram surgindo no Brasil.] Não preciso me ater a detalhes da história, pois os autores e as

autoras desta edição comemorativa os trazem com melhor conhecimento de causa.

Para a pessoa humana é importante ter raízes e asas. A identidade se forma a partir das experiências lembradas com gratidão ao longo da história, tornando mais concreta a fé na fidelidade de Deus, dando firmeza e sentido à vida. Vendo como Deus esteve com as pessoas que nos precederam no caminho da fé e do serviço, e sabendo que a Sua misericórdia dura para sempre, temos razão para dar asas à esperança também com vistas aos desafios do presente e do futuro.

Proporcionando um melhor conhecimento das raízes históricas do ser evangélico de confissão luterana na Cidade Maravilhosa, faço votos que esta edição também fortaleça a atual presença da IECLB nesse Estado, em termos de testemunho e serviço para a reconciliação e a paz. Com gratidão e louvor a Deus, expressei votos de ricas bênçãos às irmãs e aos irmãos fluminenses e novo ânimo para a missão expressa no lema bíblico da IECLB para este ano: Não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos, no caminho com Cristo.



Porto Alegre, 15 de maio de 2007.

Walter Altmann

Pastor Presidente da IECLB

180 ANOS DE TESTEMUNHO E SERVIÇO

Saudação do Sínodo Sudeste

No ano em que todas as Comunidades de Confissão Luterana no Brasil proclamam a Reconciliação de Deus, a sua graça, o seu amor e o seu poder vivificador, a Paróquia Martin Luther do Rio de Janeiro comemora 180 anos.

A partir da primeira Comunidade criada em 1827, as luteranas e os luteranos organizam a sua presença e o seu testemunho na cidade do Rio de Janeiro e, nas últimas décadas, também em Niterói e Norte Fluminense. A celebração dos 180 anos é de todos que participaram desta história. E o Sínodo Sudeste, com suas comunidades, Paróquias e instituições Diaconais, aceita o convite para participar, com alegria, desta festa de gratidão.

Partilhamos a nossa visão sobre a vocação de Deus aos luteranos e luteranas no Rio de Janeiro, também na construção da presença eclesial da Igreja Evangélica de Confissão Luterana na região sudeste e em todo Brasil. O primeiro Presidente do então Sínodo Brasil Central foi o pastor Friedrich L. Höpffner da Comunidade do Rio de Janeiro. Em 1986 a Comunidade hospedou o Concílio da IECLB. Até 1968 a Comunidade representou e intermediou oficialmente a IECLB junto às instâncias jurídicas. Estes são alguns dos sinais da contribuição da Comunidade Luterana do Rio de Janeiro para toda a Igreja e, especialmente, para o Sínodo Sudeste.

No poder do Espírito louvamos a Deus também pela história missionária da Comunidade, quando soube estruturar a sua presença na cidade, organizando novas comunidades, construindo novos espaços, chamando Obreiras e Obreiros para servir e proclamar a Palavra, o Evangelho e a reconciliação de Deus.

No poder do Espírito o Sínodo Sudeste, com liberdade, compromisso e gratidão, insere-se na comemoração dos 180 anos de todos os luteranos e luteranas do Rio de Janeiro, clamando a Deus cuidado, criatividade, coragem e gratidão para as lideranças, comuni-

dades, obreiras e obreiros da Paróquia Martin Luther, e de todas as outras Paróquias que participaram da sua história.

Esperamos e confiamos, no poder do Espírito Santo, que o chamado de Deus é incondicional e contínuo. Portanto, o testemunho e o serviço da Paróquia Martin Luther e das paróquias de que dela surgiram são de Deus. Esta história continuará. Muitos ainda farão parte dela, encontrando abrigo, esperança, espaço para a vida e para a salvação.

Nesse tempo de gratidão, louvor e esperança saudamos a Paróquia Martin Luther, as luteranas e os luteranos no Rio de Janeiro e em Niterói com as Palavras do Salmo 18.19: “Ele trouxe-me para um lugar espaçoso, livrou-me, porque ele se agradou de mim.”



Pastor Guilherme Lieven
Pastor Sinodal

PALAVRAS DE SAUDAÇÃO

A Comunidade Evangélica-Luterana do Rio de Janeiro fez 180 anos. Como uma das mais antigas instituições alemãs no Brasil ela pode olhar para um passado com muitas transformações. Com a imigração de um grande número de alemães no início do século XIX, camponeses, artesãos e comerciantes, que em grande parte eram protestantes, aumentou o desejo de criar uma comunidade protestante própria, como centro, sede e como lar para todos os cristãos evangélicos da Alemanha.

Em pouco tempo se partiu para a ação. Em seguida à criação da comunidade em 1827 foi iniciada a construção da primeira igreja, pouco após 20 anos. Após um terrível incêndio destrutivo em 1925 foi edificada em outro lugar a nova igreja que foi inaugurada em 1928, equipada com um belo órgão da oficina do organeiro Walcker da cidade alemã de Ludwigsburg. O órgão, há poucos anos inteiramente renovado com o apoio do Governo da Alemanha, é atualmente uma jóia da igreja. Pastor Dorival Ristoff, adquiriu méritos duradouros com a renovação da igreja e da casa da comunidade, e organiza com muito sentido musical e organizacional concertos regulares de órgão na igreja, que recebem muita atenção.

A Comunidade Evangélica-Luterana não pode ser prescindida do contexto da cidade do Rio de Janeiro. Como centro protestante de origem alemã digno de veneração ela oferece hoje em dia a todos os protestantes, sejam eles de origem alemã ou de outra origem, um local de concentração e de encontro.

Desejo à Comunidade Evangélica-Luterana do Rio de Janeiro daqui para a frente um futuro feliz e com muitas atividades.

Dr. Stephan Krier
Cônsul-Geral da Alemanha

GRUSSWORT

Die Evangelisch-Lutherische Gemeinde von Rio ist 180 Jahre alt geworden. Als eine der ältesten deutschen Institutionen in Brasilien blickt sie heute auf eine lange und wechselvolle Geschichte zurück. Mit der Einwanderung einer großen Zahl von Deutschen Anfang des 19. Jh., Bauern, Handwerkern und Kaufleuten, die zu einem guten Teil protestantischen Glaubens waren, wuchs das Bedürfnis, eine eigene protestantische Gemeinde zu schaffen, als religiöses Zentrum wie als Heim und Heimstatt für alle evangelischen Christen aus Deutschland. Bald schon schritt man zur Tat. Auf die Gründung der Gemeinde 1827 folgte der Bau der ersten Kirche, weniger als 20 Jahre danach. Nach einem verheerenden Brand 1925 wurde an anderer Stelle die neue Kirche erbaut und 1928 feierlich eingeweiht, ausgestattet mit einer schönen Orgel aus der Werkstatt des Ludwigsburger Orgelbauers Walcker. Die Orgel, vor ein paar Jahren mit Unterstützung der deutschen Bundesregierung umfassend renoviert, ist heute ein Schmuckstück der Kirche. Pastor Dorival Ristoff, der sich um die Renovierung der Kirche und des Gemeindehauses bleibende Verdienste erworben hat, veranstaltet hier mit viel musikalischem Sinn und organisatorischem Geschick regelmäßig Orgelkonzerte in der Kirche, die viel Beachtung finden.

Die Evangelisch-Lutherische Gemeinde ist von Rio nicht wegzudenken. Als ehrwürdiges protestantisches Zentrum deutschen Ursprungs bietet sie heute allen Protestanten, seien sie deutscher oder anderer Abstammung, einen Ort des Sammelns und der Begegnung.

Ich wünsche der Evangelisch-Lutherischen Gemeinde von Rio de Janeiro eine weiterhin aktive und glückliche Zukunft!



*Dr. Stephan Krier
Generalkonsul*



APRESENTAÇÃO

Talvez pareça dispensável uma comemoração de nossa Comunidade Evangélica Luterana do Rio de Janeiro como efeméride os seus 180 anos de existência (por sinal, ela é a 3ª mais antiga em todo o Brasil). Mas não é! Pois, se olharmos atentamente para o seu passado, isto é, tudo aquilo que nela se passou nesses quase dois séculos, há muito, mas mesmo muito a registrar pelo que foi feito pela vida espiritual (e mais recentemente pelo trabalho social) dos aqui residentes. Inicialmente dos alemães e, logo depois abrangendo os seus descendentes já aqui nascidos e já há algum tempo pessoas das mais diversas etnias.

E então damos nesta especial ocasião graças ao Senhor Deus por tudo que ele tem feito por ela, mesmo nos tempos mais difíceis. E, evidentemente, também por todo amor e dedicação através dessas 18 décadas por parte de inúmeras pessoas, homens e mulheres - pastores(as), diáconos(as) e leigos(as) - quer tenham sido seus dirigentes ou simples membros.

Assim sendo, apresentamos aqui nesta publicação feita de acordo com nossas possibilidades materiais, um resumo, o mais fidedigno possível, de tudo mais importante que tem ocorrido nesse espaço de tempo, sem a presunção de esgotar a menção do que também mereceria de ser incluído.

De qualquer maneira, tudo foi feito com muito carinho e dedicação por um grupo de colaboradores, só faltando, por fim, pedir ao Senhor da Igreja, Jesus Cristo, que abençoe ricamente as festividades comemorativas previstas.

Rodolfo S. Doerzapff



A CELURJ; UMA HISTÓRIA REPLETA DE TRANSFORMAÇÕES

Em 25 de junho de 1826 data-se a fundação da Comunidade Evangélica Franco-Alemã. Esta comunidade nasceu da visão de homens e membros de crença evangélica protestante, sendo de nacionalidades alemã e francesa e que reconheceram a necessidade de se criar uma ponte firme e central protestante, num país onde a religião oficial era a católica.

Em 1824 fundou-se em Nova Friburgo a Igreja Luterana, também sendo a primeira igreja evangélica no Brasil, sendo assim, esta comunidade foi colaboradora no trabalho iniciado em 1826 aqui no Rio de Janeiro. A Comunidade do Rio de Janeiro era assistida pelo Pastor Sauerbronn, que vinha pregar uma vez por mês. O amor pela obra de Deus era grande, assim como grande eram as dificuldades encontradas para a realização da viagem da cidade de Nova Friburgo ao Rio de Janeiro. Gastavam-se 10 horas, num caminho bastante difícil. Assim, por dez anos a Comunidade Evangélica Alemã no Rio de Janeiro foi um ponto de pregação da Igreja Luterana de Friburgo. Os esforços, também, se deram na parte financeira, na pessoa do Cônsul Geral da Prússia, sr. Wilhelm von Thiermin, lançando em Berlim, em 1828 um apelo aos cidadãos e à Igreja para uma coleta em benefício de nossa Igreja. Apesar destes esforços conjuntos, somente dez anos após se teve a contratação de um Pastor.

Após dez anos, aproximadamente, em 03 de novembro de 1836, foi escolhido o nome do Pastor licenciado, alemão, Ludwig C. P. Neumann, mais uma vez pela iniciativa do Cônsul Geral da Prússia, sr. Thiermin. Em 1º de fevereiro de 1837 foi apresentado ao conselho da paróquia o então Pastor Neumann, que assumiu nesta data os trabalhos pastorais e de conselheiro espiritual. Assim, finalmente, forma-se uma Paróquia com Pastor definitivo, celebrando, assim seu primeiro culto evangélico alemão, realizado em 21 de maio de 1837, à Rua Matacavallos, hoje, Riachuelo.

Nesta época iniciou-se, então, as atividades permanentes da Igreja no Rio de Janeiro. Em todo o tempo de existência contamos com pessoas preparadas e dispostas a desenvolver o trabalho da seara do Senhor, assim como os vinte e um pastores da Comunidade e um diácono e mais seis pastores e três diáconos colaboradores e que têm seus nomes registrados na história desta Comunidade.

A partir de 1837, nossa Igreja foi situada em alguns endereços e durante anos tivemos nosso Templo estabelecido em imóveis alugados nas seguintes épocas e endereços:

De 21/05/1837 à 31/03/1839 – Rua Matacavallos, s/nº, atual Rua Riachuelo; De 01/04/1839 à 30/09/1839 – Rua Matacavallos, nº 78; De 01/10/1839 à 30/06/1841 – Rua do Passeio, nº 7; De 01/07/1841 à 26/07/1845 – Rua do Lavradio, nº 41,

Mas com a graça do Nosso Senhor Jesus Cristo e esforços de seus membros obtivemos imóvel próprio como o da Rua dos Inválidos nº 119, sendo que em 30/06/1844 houve o lançamento da Pedra Fundamental para construção desta sede própria, sendo inaugurada em 27/07/1845. De 27/07/1845 à 23/08/1925, ficou neste endereço, mas sendo destruída por um incêndio. Ainda neste prédio foi realizada a montagem do primeiro órgão; Em 07/06/1853 e a instalação de um novo órgão em 1923.

Novamente, a Igreja consegue, em 25/06/1927 lançar a Pedra Fundamental para construção de nosso atual templo, na Rua Carlos Sampaio, 251 onde foi inaugurado em 28/10/1928. No período de construção da Igreja os cultos eram realizados no auditório do Colégio Cruzeiro.

COMUNIDADE EVANGÉLICA LUTERANA DO RIO DE JANEIRO – IGREJA MARTIN LUTHER

Rua Carlos Sampaio, 251 – Centro

20231-084 RIO DE JANEIRO – RJ

Tel/Fax (21) 2232-8548 / 2509-6751

www.celurj.org.br - e-mail: centro@celurj.org.br

Primórdios

Foi uma conseqüência natural, que a criação de um Brasil independente em 1822, uma nação sul-americana com tamanho continental, tenha atraído para cá imensas levas de imigrantes, em especial de países europeus, que aqui vieram tentar uma nova vida. E não só por agricultores, destinados à colonização da infundável hinterlândia do país muito necessitada de força braçal devido à pouca população já estabelecida. Também aqui aportaram pessoas de classe média, em especial comerciantes e técnicos dos mais variados ramos especializados, que se fixaram na cidade do Rio de Janeiro, por ser a então capital do novo país.

Assim foi que, poucos anos mais tarde, já em 1827, cidadãos de língua materna alemã ou francesa se uniram e criaram a Comunidade Evangélica, para atender às suas necessidades religiosas.

Com a grande predominância dos alemães, estes foram se afirmando na nova congregação, inclusive mandando vir da velha pátria germânica pastores para dirigirem os trabalhos espirituais.

Como moto, os fundadores da Comunidade Evangélica incluíram em latim no seu sinete a frase “*Ut rosa inter spinas*” (“Como rosa entre espinhos”). Provavelmente pretendiam com isso salientar a sua difícil situação confessional como diáspora evangélica (crentes em minoria num ambiente geral religioso diferente), devido à animosidade ainda existente com os católicos do país e que perdurou, como se sabe, até bem meados do século passado.

O primeiro templo

Inicialmente a Comunidade reuniu-se em casas particulares fechadas, até que em 21 de maio de 1837 conseguiu realizar o seu primeiro culto público numa sala alugada na Rua Matacavalos (nome que deve ter sido devido ao grande número de animais que aí quebraram uma pata em algum buraco e tiveram que ser sacrificados), e que hoje é a Rua do Riachuelo, que contorna o Morro de Santa Teresa.

Finalmente a partir de 1843 a Comunidade pôde construir o seu templo próprio, e que foi então consagrado em 1845. Localizado à Rua do Rezende, transversal da Matacavalos, enviesada, justamente para se desviar do então Morro do Senado (onde hoje há a Praça Cruz Vermelha). Uma construção no estilo da época.

No entanto, observe-se (as fotos existentes o comprovam), que ela não possuiu nem torre, nem sinos, pois não era permitido às igrejas protestantes terem tal característica



Local do primeiro culto público na Rua Matacavallos, hoje a Rua do Riachuelo.



Finalmente a partir de 1843 a Comunidade pôde construir o seu templo próprio, e que foi então consagrado em 1845.

externa, já que durante todo o Império (1822-1889) havia união entre trono e altar, isto é, a Igreja Católica era a religião oficial do Brasil. Só com a Proclamação da República em 1889 é que se deu a separação total e conseqüente suspensão daquela proibição.

Registre-se ainda, que em 1853 foi lá inaugurado o nosso primeiro órgão de tubos, que serviu durante 70 anos, até que em 1923 um novo instrumento foi recebido da Alemanha em sua substituição, porém que só pôde soar por menos de 2 anos, devido a acontecimento infausto e inesperado que o destruiu por completo, inclusive mudando repentinamente a rotina comunitária.

O incêndio do templo e suas conseqüências

De repente, um acontecimento inesperado e de grandes conseqüências danosas mudou quase que por completo a vida da Comunidade Evangélica Alemã: no domingo, 23 de agosto de 1925, houve, como de costume o culto matinal, seguido pela usual Assembléia Geral Ordinária anual, para que a diretoria prestasse contas aos membros. Explique-se que naquele tempo, como Igreja Alemã, tinha seu ano fiscal como era costume no hemisfério norte. Isto é, o ano administrativo das empresas ia de 1º de julho a 30 de junho do ano seguinte.

No início da tarde, quando todos já se tinham retirado, um grande incêndio promovido não se soube bem donde, espalhou-se rapidamente e destruiu por completo o interior do templo, só permanecendo as suas paredes externas.

(Uma manchete na primeira página do jornal O GLOBO na edição do dia seguinte dizia: “ENORME FOGUEIRA NO CORAÇÃO DA CIDADE”).

Três fatores negativos, provavelmente decisivos, para tal funesta conseqüência, infelizmente coexistiram: os bombeiros, que ocorreram ao chamado sem

demora (pois o seu Quartel Central, como se sabe, é logo ali perto, na Praça da República), que pouco puderam fazer devido à falta d'água; além disto, um vento muito forte (típico do mês de agosto no Rio) “cooperou na terrível devastação” atijando as labaredas; e, por fim, a localização contígua, não de uma, mas de 2 serrarias – uma de cada lado do templo sinistrado – o que fez com que toda a madeira estocada e a serragem ardessem facilmente, atingindo o recinto sagrado, “levando a termo final a sua longa vida.”

O que fazer então, para que a vida comunitária pudesse continuar de alguma forma, pelo menos precária?

Como solução de emergência escolheu-se inicialmente a 1ª Igreja Presbiteriana, na rua Silva Jardim (junto à Praça Tiradentes). Mas era um pouco longe, fora de mão para muitos (era o tempo dos “bondes”) e dependia de disponibilidade de horário livre.

Então conseguiu-se a cessão aos domingos do auditório da Escola Alemã, na Rua Carlos de Carvalho (onde está até hoje). Mas havia o grande inconveniente do recinto estar localizado no último andar do prédio escolar, exigindo uma longa subida de escada, o que era, com-



preensivelmente, muito penoso, senão impossível de galgar para as pessoas mais idosas.

Uma solução definitiva era, pois, necessária e óbvia: a Igreja Alemã tinha que voltar a ter o seu próprio templo!

O planejamento e os preparativos para a construção da atual igreja do Centro

A necessidade premente da Comunidade Evangélica Alemã de construir um novo templo após o incêndio do anterior era evidente. Corria a década de vinte do século passado. Acontece que no início daquele século a Prefeitura do Rio decidiu, para aliviar a Rua Riachuelo, criar a Avenida Mem de Sá, paralela a mesma, mas com traçado em linha reta. Para isso teve que demolir o Morro do Senado, onde hoje existe a Praça Cruz Vermelha, e de onde partiram várias ruas transversais. Foi justamente numa dessas vias, a Rua Carlos Sampaio, bem junto à dita Praça, que a nossa Comunidade resolveu adquirir em maio de 1926 um imóvel maior (com 840m²), para erigir o seu novo templo, pois o local anterior era bem mais reduzido. O acordo de pagamento ao proprietário anterior previa em contrato a metade à vista e o restante após 3 anos. Os recursos financeiros para essa aquisição e posterior construção da igreja, inclusive conteúdo (mobiliário e órgão), vieram de várias fontes, como pagamento do seguro contra fogo do prédio anterior, uma coleta especial entre os membros, auxílios monetários providos da velha pátria alemã, venda do terreno anterior etc., facilitados pelas condições de pagamento acima citadas. Ligando então o útil ao agradável, a Diretoria então deu férias para o seu pároco, P. Höpffner, rever a sua pátria alemã, e o encarregou da parte do planejamento junto a firmas e pessoas de lá, especialistas em tais tipos de

empreendimento, o que ele fez de meados de 1926 a princípios de 1927. As dimensões e a localização do imóvel adquirido serviram bem, embora não fosse exatamente retangular, principalmente em relação à rua, que corria um pouco enviesada à sua frente. Esta irregularidade provavelmente veio a ser uma conseqüência da reurbanização daquela área no século passado e acima mencionada. Este problema foi habilmente contornado, como veremos mais adiante. No espaço de tempo entre a aquisição do imóvel e o início das obras o P. Höpffner trouxe da Alemanha as plantas necessárias. Ele e outros destacados membros da colônia alemã do Rio corresponderam-se com o arquiteto F. Larouette da cidade de Frankenthal, no Palatinado (mesma região do Pastor), encarregando-o de desenhar o projeto do templo, com casa pastoral, salão paroquial e secretaria. Concomitantemente encomendou um órgão de tubos da firma especializada E. F. Walcker & Co. de Ludwigsburg, em Württemberg, tendo o P. Höpffner indicado por escrito todas as especificações técnicas desejadas. Então com a volta de seu pároco da Europa, pronta a planta lá criada, foi lançada a pedra fundamental da nova igreja a 25 de junho de 1927. A construção pôde ser então começada, o que levou pouco mais de um ano, e possibilitando que a nova Casa do Senhor viesse a ser inaugurada a 28 de outubro de 1928 (o domingo mais próximo



Auditório do Colégio Cruzeiro, anos 20, onde, após o incêndio da Igreja da Rua dos Inválidos, os cultos eram realizados.

do Dia da Reforma). A Comunidade Evangélica Alemã voltava, finalmente, após mais de 3 anos, a ter a sua própria igreja!

Detalhes da atual Igreja Martin Luther de quando foi construída

É interessante registrar algumas características especiais da atualmente denominada Igreja Martin Luther que a distingue de outras.

Nota-se logo, que o terreno adquirido foi bem aproveitado, já pelo simples fato de ser uma construção de frente de rua, conforme característica arquitetônica da década de vinte do século passado.

Entrando-se no seu vestíbulo, percebe-se claramente a irregularidade do imóvel em relação à rua, conforme mencionado anteriormente. Assim é, que o recinto da frente tem uma forma irregular, bem mais larga à direita de quem entra, tendo à esquerda somente um portal que dá acesso à escada que leva ao sobrado da frente, onde estão o salão paroquial, o balcão com vista para o altar, a cozinha e os banheiros. Isto permite que o recinto da igreja propriamente dito, este sim, seja rigorosamente retangular.



Fachada da Igreja - Paróquia Martin Luther - 1928

Uma porta interna tripla leva então do vestíbulo ao local dos cultos.

No entanto, alguns pequenos detalhes provavelmente passam despercebidos por quase todos: nas paredes, tanto do lado de fora da rua, quanto de dentro da entrada do vestíbulo e lateralmente no pátio externo, existem nas paredes 4 figuras diferentes de origem bíblica, pois são extraídos do Livro de Apocalipse e que representam simbolicamente os 4 evangelistas. A saber: cabeça de ave (Mateus), de leão (Marcos), de touro (Lucas) e de criança (João).

Subindo-se as escadas a partir do vestíbulo, além dos 2 banheiros e da cozinha, há então o salão paroquial, que também tem a função de servir como passagem, abrindo-se as suas portas para o recinto da igreja, onde há uma espécie de balcão, e assim mais pessoas podem participar dos cultos festivos.

Além disto, ao fundo do salão foi então construído um pequeno palco, para representações diversas (e que mais tarde, quando da reforma do salão, foi totalmente removido).

As alterações posteriores na Igreja Martin Luther

É claro, transcorridos tantos anos desde sua consagração (1928), tenha a Igreja Martin Luther sofrido algumas modificações externas e internas para melhorar tanto a sua utilização, como para ganhar uma estética mais atualizada com os tempos atuais. Assim sendo, várias dessas alterações ou acréscimos merecem ser citados, sem presunção de conseguir incluir tudo aquilo que ali foi feito (tantos foram eles) pelas mais diversas pessoas, tenham sido pastores ou não.

Já à sua frente foi divididamente acrescentada dos dizeres que permitem identificá-la da rua. Volta e meia passava gente e ficava intrigada com “AQUELA IGREJA” sem nome. Que seria aquilo?

Até que um belo dia, ao tempo do P. Germano Burger como pároco (fim dos anos 80), resolveu-se colocar os devidos dizeres: junto à parede da rua, em letras metálicas IECLB e COMUNIDADE EVANGÉLICA LUTERANA, tudo encimado pelo símbolo de nossa Igreja nacional, ou seja, aquele desenho futurístico, que lembra as colunas de construções da nova capital, Brasília.

Mais para dentro, na parede frontal da igreja propriamente dita, já dentro do vestibulo, o novo nome do templo, IGREJA MARTIN LUTHER.

De grande importância foi ainda a colocação no recinto da frente, de uma espécie de vitrine, ou seja, um quadro de avisos, onde estão anunciadas as nossas atividades normais, de forma que quem passa na rua pode facilmente se deter e tomar conhecimento de tudo que ali acontece.

Assim não estamos mais anônimos, mas ao contrário, neste século em que o marketing é essencial para qualquer empreendimento, em nosso caso correspondendo à diretiva da IECLB, da necessidade de um espírito missionário de cada uma das Comunidades.

O maior número de inovações na Martin Luther foi, evidentemente, no interior do recinto sagrado da igreja, onde se realizam os cultos, ofícios, atividades correlatas como concertos etc. As transformações foram tão acentuadas, que, por exemplo, recentemente uma visitante que há anos não havia estado lá chegou a chorar de emoção.

Inicialmente o que chama atenção ao visitante são os vitrais, por sua magnitude e beleza. As 3 janelas laterais viraram verdadeiras obras de arte, ou sejam, vitrais coloridos, cada uma com significado próprio, em seu conjunto representando a Divina Trindade.

A do meio já existia como tal há mais tempo, pois, num estilo de meados do século passado, representa a cena da Ascensão de Cristo, incluindo as figuras dos Apóstolos (tendo bem embaixo à esquerda a Rosa de Lutero, e à direita o sinete da CELURJ), com a inscrição em idioma alemão de “Presente dos Confirmandos de 1956” e o texto de Mateus 28, 20b “E eis que estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos”.

Quanto às outras duas, já numa concepção de fim do século passado, ou seja mais moderna, também viraram vitrais coloridos em 2.000, graças à iniciativa de nosso pároco P. Dorival Ristoff, através de um donativo todo especial da Sra. Lily Fischer. Numa idealização de um artista alemão contemporâneo vemos: junto da entrada a janela representa o Espírito Santo e a dos fundos o Deus Criador do Universo, assim completando a Divina Trindade com o vitral do meio preexistente. Em cada uma podemos ler em baixo um versículo bíblico apropriado: na primeira “Recebereis a força do Espírito Santo – Atos 1,8” e na última “De Deus é a terra e tudo que nela existe – Salmo 24, 1.”

De importante para a utilização da igreja foi que as 3 originais deficiências do templo foram, se não totalmente eliminadas, pelo menos bem atenuadas. Ou sejam: claridade, acústica e ventilação.

Assim foi que, por iniciativa do atual pároco, P. Dorival Ristoff, removeu-se o verniz escuro que cobria todas as partes em madeira do recinto, como os bancos, o púlpito e as partes das paredes assim revestidas. Com isso descobrindo a sua cor natural, de tom bem

mais claro, o que fez com que todo o ambiente sacro também adquirisse uma aparência mais alegre e bem mais moderna.

E para aliviar o problema do calor nas épocas mais quentes do ano e da falta de ventilação na igreja (devido, em parte, ao fator da existência de janelas só de um lado, conforme já mencionado anteriormente em detalhes), foram colocados lateralmente na segunda metade do século passado alguns ventiladores de pé. No entanto, como eles se mostrassem muito ruidosos e obstruíssem a passagem de pessoas naqueles corredores auxiliares, existem agora alguns desses aparelhos de circulação de ar, fixos às paredes, mais eficazes e evitando os contratempos acima.

Quanto à acústica, os antigos freqüentadores dos cultos em nossa igreja do Centro talvez se lembrem do enorme esforço vocal que os pastores e pregadores leigos tinham que fazer para se fazerem ouvidos no recinto. Em especial nas prédicas, que naquele tempo eram sistematicamente feitas do púlpito. Mais de um desses oficiantes (ainda mais quando cobertos dos pés ao pescoço pelo talar preto) terminava o serviço religioso banhado em suor. Ou eles se esgoelavam para que sua voz atingisse o último banco da igreja (principalmente na Véspera de Natal, com o recinto superlotado, sendo época de verão) ou corria o perigo de não ser entendido quando falava em tom normal.

Até que o problema fosse resolvido da maneira mais fácil através de aparelhagem de som, ou seja, com o uso do microfone de lapela ou de pé, tanto em frente ao altar, quanto junto à estante de leitura, usada agora também para as prédicas, comunicações etc. Os alto-falantes localizados lateralmente transmitem ampliada a voz e assim facilitando em muito a compreensão do que é dito.



Altar da Paróquia Martin Luther hoje

e base em mármore. Aí existem até hoje 2 placas metálicas com dizeres em idioma alemão. Na de cima está inscrito: “Feita com a prata dos utensílios do altar da igreja incendiada

Algumas alterações localizadas que foram feitas recentemente no interior do templo também são de grande importância para o seu melhor uso ou mesmo de básico significado confessional: assim é que os bancos que estavam ao lado do altar, 3 filas de cada lado, foram retirados, para dar lugar, junto às janelas às cadeiras utilizadas pelo nosso coral que agora temos em caráter permanente, embelezando com suas vozes os nossos cultos especiais. Também fica aí a nova posição do console do órgão, para que o organista (e ao mesmo tempo regente) pudesse ter visão direta do oficiante e dos cantores.

Por sua vez, do lado de dentro, à direita do altar, fica a pia batismal e um piano de meia cauda que serve às vezes para acompanhar a música vocal ou mesmo para solos instrumentais. Os bancos ganharam um estofamento para maior conforto das pessoas, numa dádiva da “Montagsgruppe”.

Quanto à pia batismal, é ainda a original, de metal

em 23.8.1925”, enquanto que a de baixo esclarece que “A pia batismal é uma doação de antigos confirmandos da Comunidade”

E um altar completamente novo, feito de madeira pinho de Riga (uma doação do Colégio Cruzeiro), forma um harmonioso conjunto com o madeirame da parede dos fundos. A cruz de madeira que cobria o púlpito antigamente, por sua vez está agora em cima do altar, dando-lhe um complemento apropriado.

A cúpula por cima do púlpito foi removida, permitindo assim não só uma melhor visão do nosso já famoso órgão de tubos, bem como para que ele pudesse soar ainda melhor em todo o ambiente.

Por trás do altar, novos desenhos foram pintados na madeira da parede, encimando o púlpito, que representam, no meio, a Rosa de Lutero (emblema de sua família), ladeada à esquerda pela cruz de Cristo com as letras alfa e ômega (citadas na Bíblia em Apocalipse 1.8), ou sejam, a primeira e a última do alfabeto grego (significando Deus, o começo e o fim de tudo), enquanto do lado direito há o símbolo de Cristo no mesmo idioma, a língua original do Novo Testamento.

O púlpito ganhou recentemente nos antipêndios (panos coloridos com desenhos, que o recobrem de acordo com a cor litúrgica do dia: branco, verde, encarnado ou violeta), verdadeiras obras de arte da Sra. Elisabeth Armbrust. Com exceção do preto, que só sendo usado na sexta-feira Santa, resistiu ao tempo e pôde continuar a ser utilizado.

Das três tábuas que existiam nas paredes para colocar os números dos hinos a serem cantados no culto, a lateral foi retirada, uma teve a inscrição traduzida para o vernáculo e a outra permanecendo em alemão, ambas agora com os mesmos dizeres: Dai graças a Deus.

Por fim, chama a atenção no meio da igreja, pendente do teto, o mesmo imponente candelabro, dando um toque solene ao ambiente da igreja.

Mas talvez a maior alteração no interior do prédio da Rua Carlos Sampaio foi provavelmente a completa reforma do salão paroquial: o palco antes existente foi retirado; dividiu-se o ambiente em dois, com a colocação de uma divisória, de forma que o recinto maior passou a ser rigorosamente retangular, enquanto que no lado da frente instalou-se um depósito de material, usado pelas senhoras do grupo das segundas-feiras, que diligentemente prepara anualmente dois bazares beneficentes tradicionais: o da Páscoa e o de Natal.

O piso recebeu novo material, enquanto que o teto foi rebaixado ganhando iluminação moderna e um aparelho de ar condicionado foi instalado numa janela.

Isto tudo já foi feito há algum tempo atrás, em meados da segunda metade do século passado.

A cozinha existente antes da porta de entrada do salão também foi totalmente renovada, incluindo os usuais aparelhos domésticos como fogão e geladeira (até por mais de uma vez).

E os dois banheiros do andar superior também foram devidamente refeitos.

O acesso ao andar de cima agora é duplo em sua parte inferior, pois abriu-se uma outra entrada, atravessando-se o portão lateral, onde, atrás dele, à direita, sobe agora uma nova escada até ao primitivo primeiro patamar.

O pátio lateral foi embelezado, pois pode-se deparar agora com o desenho de outra Rosa de Lutero, esta pintada ao tempo do Pastor Burger, de sua própria feitura, por cima do portão existente no fundo e que dá acesso ao quintal de trás.

E, por fim, bem aos fundos do terreno foram recentemente construídos dois banheiros, pois a Paróquia ocasionalmente organiza um almoço comunitário ao ar livre, aproveitando o aprazível quintal.

A Descentralização da Comunidade

Com o crescimento da cidade, também os diversos bairros se desenvolveram, com vida própria, e era conseqüência lógica que a nossa Comunidade Evangélica Luterana teria que se fazer representar aonde os seus membros residiam. As grandes distâncias do Grande Rio, as dificuldades de locomoção e a dispersão geográfica dos evangélicos luteranos pelos quatro cantos da metrópole levaram automaticamente à premente necessidade de que se criassem outros locais de culto fora do Centro a partir de meados do século passado. Assim sendo, vários imóveis foram adquiridos com o tempo, em diferentes bairros, nas vizinhanças de onde residia parte de nossos membros.

Acontece que na década de 70 o P. Robert Fedde, que então iniciou a chamada Missão Suburbana, deu a sugestão de dar um nome a cada local, relacionado ao luteranismo, fosse sede de Paróquia ou um simples ponto de pregação (também chamado de “Comunidade” onde haveria um templo). E assim foi que tivemos um aumento de locais de culto e, respectivamente de pastores.

Obedecendo à ordem cronológica surgiram então, de acordo com a data de consagração (inauguração): Paróquia Esperança (Niterói): 15/11/1961 (salão paroquial, onde se realizam os cultos); compreendendo ainda a Comunidade Evangélica do Norte Fluminense em Macaé e o Ponto de Pregação de Teresópolis, estes com cultos em residência particular; Paróquia Bom Samaritano (Ipanema): 21/06/1970 (aos dois imóveis iniciais na Rua Barão da Torre foram acrescentados posteriormente nos fundos os últimos 2 terrenos passíveis de serem adquiridos na área contígua, para ampliação das instalações do trabalho social com a creche); Paróquia Norte, composta da Comunidade Bom Pastor (Ilha do Governador: 19/08/1973, da Comunidade Castelo Forte (Jacarepaguá): 14/12/2002 e Ponto de Pregação Bom Mestre (Vila da Penha) em residência particular.

E assim espalhada pelo Rio de Janeiro se encontra atualmente a nossa Comunidade, abreviadamente chamada de CELURJ.

O trabalho social da nossa Comunidade

Foi por iniciativa do nosso então Pastor Fritz Vath, residente na Zona Sul do Rio, que foram adquiridos dois imóveis contíguos na Rua Barão da Torre, 98, para que a nossa Comunidade iniciasse lá tanto o trabalho espiritual, onde residia um terço de nossos membros, como, acochado a ele, pela primeira vez em sua história (para sair de uma existência de “gueto”) algo substancial de caráter social para ajudar as classes das pessoas mais carentes da cidade.

O local foi escolhido a dedo, pois quase ao lado já havia naquela década de 60 do século passado uma favela em Ipanema.

Como a Comunidade sozinha não poderia arcar com as enormes despesas com tal imenso empreendimento, foram solicitados também (fora do âmbito de nossos membros) auxílios financeiros do exterior. E não só da Alemanha, até dos EE.UU. veio uma considerável soma em dinheiro para financiar com os dólares recebidos graciosamente de um andar inteiro

do prédio do Centro Social a ser então erguido atrás do templo.

Mas a planta da obra teve que ser alterada, porque a entidade alemã “Evangelische Zentrale für Entwicklungshilfe” sendo uma “Central Evangélica para Auxílio de Desenvolvimento” não dava, em hipótese alguma, recursos para construção de templos. Daí é que hoje somente um estreito corredor coberto liga a igreja ao centro social.

E então pôde finalmente em 21/06/1970 ser o complexo todo inaugurado. (Dito de passagem, o grande mérito do P. Fritz Vath na concretização do projeto foi posteriormente honrado, como é devido, numa placa descerrada quando ele ainda vivia).

Quanto ao trabalho social, ele começou aos poucos, e só mais tarde verificou-se que a maior necessidade era de uma creche para crianças entre 3 a 6 anos de idade de mães que trabalham fora, o que se concretizou com a sua inauguração a 31/08/1979, e que frutificou de tal maneira, agora sob a direção da diácona Vilma Petsch, que já passa de uma centena o número de crianças lá atendidas diariamente de 2ª a 6ª feiras, em horário integral (também graças à aquisição de mais 2 imóveis na parte de trás, com a ajuda de amigos na Alemanha).

Note-se, que embora a creche esteja contígua à Paróquia Bom Samaritano, ela tem uma Diretoria própria, onde estão representadas pessoas de outras paróquias, pois ela legalmente está localizada em imóveis da nossa Comunidade do Rio (a CELURJ), que por sua vez é dirigida por um Conselho (Diretoria) próprio, segundo os nossos Estatutos em vigor.

Portanto, é uma obra de todos nós, merecendo todo o nosso apoio, necessário, apesar do inestimável auxílio financeiro regular que recebe de fora do país.

Pois tudo foi feito, e ainda o está sendo, seguindo o mandamento supremo do Senhor da Igreja, Jesus Cristo, que disse certa vez (conforme Lucas 10, 27): “Amarás o Senhor teu Deus de todo teu coração; e amarás o teu próximo como a ti mesmo.”

A indigenização da Comunidade

Para muitos de seus membros a Comunidade Evangélica era antigamente a sua pátria religiosa, já que eram emigrantes. O seu interesse se concentrando principalmente nos ofícios (batismos, casamentos, confirmações etc.) e no culto de Véspera de Natal.

A rotina da sua vida religiosa permaneceu assim por muitas décadas, só ligeiramente interrompida durante a Iª guerra, e, bruscamente durante a IIª, quando com o envolvimento do Brasil na deflagração mundial em 1942 ao lado dos aliados o idioma de Lutero foi proibido, isto até o fim das hostilidades em 1945. Os obreiros alemães da Igreja (na época PP. Flos e Zwilling e Diácono Zander), tiveram então de do dia para a noite passar a realizar todas as suas atividades em vernáculo, isto é, em português. Depois voltou tudo ao normal.

Mas a importância da língua alemã na Comunidade reduziu-se aos poucos nas últimas décadas (sem abandoná-la por completo) pela diminuição da colônia germânica no Rio, por retorno à pátria, mudança para outra cidade daqui e, principalmente, porque essa geração sofreu grandes desfalques por falecimento.

Assim é, que houve nos últimos anos uma grande flutuação no rol de seus membros, com o ingresso de muitos sem ser de descendência alemã, seja por matrimônio, vizinhança ou outros motivos.

E, finalmente, ao se registrar a história de nossa Comunidade desde seu começo em 1827 até aos dias atuais, algo de natureza não material, mas sociológica surgiu. É aquilo que em

nossa Igreja Nacional, a IECLB, recebeu a denominação de “indigenização”. Por esta expressão entende-se a sua nacionalização, isto é, o uso principalmente não só do vernáculo (o português) nas suas diversas atividades, como também a criação de hinos próprios, utilização de ritmos musicais brasileiros, liturgia nova etc. Nos EE.UU. isto tudo já é habitual há muito tempo nas igrejas luteranas de lá. Aqui entre nós apenas mais recentemente, incluindo-se aí a nossa própria Comunidade. O interessante é que a iniciativa em 26/11/1964 de mudar o nome da Comunidade “alemã” para “luterana” partiu do então pároco missionário P. Fritz Vath, o que aliás foi feito sem qualquer resistência de quem quer que fosse. É que tínhamos que tomar em consideração as características sociológicas de nossos membros em geral, pois mais ou menos a partir daquele tempo o Brasil passou de país de imigração para um de emigração. Além de que tínhamos iniciado um intenso trabalho social junto às pessoas mais necessitadas de nosso povo em Ipanema, que culminou com a nossa já conhecida creche. Então, a mudança do nome da Comunidade de Alemã para Luterana, que era só “de jure” (como se diz em latim), passou a partir dos anos 70, a ser “de facto”, provado pela realidade: os nossos membros em sua grande maioria, descendentes de alemães aqui nascidos, cuja língua usual era o português. Aliás, não se fez outra coisa do aquilo que já Lutero em seu tempo preconizou: que o Evangelho de Jesus Cristo tem que ser anunciado no idioma que melhor pode ser entendido pelo povo.

Assim, também, a nossa publicação regular dirigida aos nossos membros, teve já vários nomes, de acordo com o idioma principal do seu conteúdo: de “Gemeindeblatt” passou a “Revista” e agora é “Comunidade Luterana”.

Alguém já disse que “igrejas são hinos de louvor a Deus feitos de pedra”, e assim certamente permanecerão também as nossas do Grande Rio.

Para encerrar, não com uma frase de grande efeito, mas só mesmo uma súplica ao Senhor Deus: *“Lembra-te da tua congregação, que adquiriste desde a antigüidade, que remiste para ser a tribo da tua herança.”* (Salmo 74,2).

Rodolfo S. Doerzapff

Relação de pastores e diáconos da Comunidade Evangélica Luterana do Rio de Janeiro desde 01 de fevereiro de 1837

NOME	INÍCIO PASTORADO	TÉRMINO PASTORADO	ANOS PASTORADO
P. Licenciado Ludwig C. P. Neumann (Breslau)	FEV/1837	SET/1843	7 anos
P. Friedrich AvéaLallemant (Lübeck)	SET/1843	Fins 1848	5 anos
P. Johann F. L. Winkler (Braunschweig)	Começo 1849	MAR/1855	6 anos
P. Eugen Schmidt (Iriyte – Pommern)	JUN/1855	JUN/1861	6 anos
P. Hermann Billroth (Griefswald – Pommern)	JUN/1861	DEZ/1863	2 anos
P. Carl Wagner (Kocherstetten – Württemberg)	MAI/1864	JAN/1871	7 anos
P. Dr. Carl Max Gruel (Berlin)	NOV/1871	DEZ/1903	32 anos
P. Friedrich L. Höpffner (Darnstadt – Pfalz)	JUL/1904	ABR/1941	37 anos
P. Max Heinrich Flos (Tribsee – Pommern)	NOV/1937	JUL/1950	13 anos
P. Hans Zwilling (Nürnberg)	ABR/1943	SET/1953	10 anos
P. Karl Gräter (Rogasen – Posen)	MAI/1946	OUT/1954	8 anos
P. Hans Wiemer (Werdohl – Westfalen)	NOV/1954	MAR/1956	2 anos
Diácono Manfred Kühn (Waldenberg – Schlesian)	MAR/1956	NOV/1956	8 meses
P. Dr. Ernesto Th. Schlieper (Taquara – RGS)	NOV/1956	JAN/1960	3 anos
P. Bernhard Römisch (Springeses – Posen)	JUL/1957	FEV/1959	2 anos
P. Arnd Müller (Braunschweig - Niedersachsen) em substituição	AGO/1958	DEZ/1958	4 meses
P. Rüdiger Bohnenkamp (Heidelberg)	FEV/1959	DEZ/1962	4 anos
P. Breno Schumann (Porto Alegre)	JAN/1960	AGO/1962	2 anos
P. Fritz Vath (Mannheim)	FEV/1960	ABR/1969	9 anos
P. Wilhelm Kräutlein (Flachslanden – Ansbach) Bayern	DEZ/1961	SET/1987	26 anos
P. Germano Burger (Itaguaçu- ES)	NOV/1987	DEZ/1993	6 anos
P. Norbert Ellinger (München)	JAN/1994	FEV/1999	5 anos
P. Dorival Ivo Ristoff (Tuparendi – RGS)	MAR/1999		

Para a Paróquia Também trabalharam os Pastores:

Kehnscherper, Ebersbach, Wiese, Zander, Treutz, Simon e os Diáconos: Plöger, Huse e Kühn.

O órgão da Igreja Martin Luther

Agora que o órgão de nossa igreja Martin Luther volta a soar após vários meses de silêncio, devido à precariedade de seu estado anterior, certamente interessa a todos os amantes de música sacra – membros nossos ou não – de conhecerem os principais fatos que envolveram o seu histórico passado, e o grande trabalho de sua restauração total, para que volte a ser um dos mais belos órgãos de tubos em nossa Cidade Maravilhosa. Assim encantando os espíritos que o ouvirão e levando-os a sentirem-se comungados com os seus sons, que pretendem tão somente louvar ao Senhor da Igreja, Jesus Cristo, e a seu Pai, nosso Deus Altíssimo.

HISTÓRICO

Em 1925 a então Comunidade Evangélica Alemã viu-se de repente na necessidade de construir uma nova igreja, a antiga tinha sido totalmente destruída naquele ano por um incêndio.

Acontece que no início do século passado a Prefeitura do Rio decidiu, para aliviar a Rua do Riachuelo, criar a Avenida Mem de Sá, paralela a mesma, mas com traçado em linha reta. Para isso, teve que demolir o morro do Senado, onde hoje existe a Praça Cruz Vermelha, e de onde partiram várias ruas transversais. Foi justamente numa dessas vias, a Rua Carlos Sampaio, bem junto à dita Praça, que a Comunidade resolveu adquirir, em maio de 1926, um imóvel maior para erigir seu novo templo, pois o local anterior era bem reduzido.

Os recursos financeiros para a aquisição e posterior construção, inclusive conteúdo (móveis e órgão), vieram de várias fontes, como pagamento do seguro contra fogo do prédio anterior, uma coleta especial entre os membros, auxílios monetários providos da velha pátria alemã, venda do terreno anterior, etc., além do parcelamento do pagamento do novo imóvel.

Assim foi que a 25 de junho de 1927 pôde ser lançada a pedra fundamental e construída a nova Casa do Senhor, vindo então a ser inaugurada a 28 de outubro de 1928 (o domingo mais próximo do Dia da Reforma).

No espaço de tempo entre a aquisição do imóvel e do lançamento da pedra fundamental o seu pároco, P. Friedrich Ludwig Höpffner, e outros destacados membros da colônia alemã, corresponderam-se com o arquiteto F. Larouette, da cidade alemã de Frankenthal, no Palatinado (mesma região do pastor), encarregando-o de fazer o projeto do templo, com casa pastoral.

Finalmente a 23 de janeiro de 1927 o arquiteto finalizou o seu trabalho e o enviou para cá. Concomitantemente encomendou-se um órgão de tubos da firma especializada E. F. Walcker & Co. de Ludwigsburg, em Württemberg. O P. Friedrich Höpffner enviou por escrito todas as especificações técnicas exigidas.

No entanto, pela troca de correspondência existente em nosso arquivo, deduz-se que o instrumento pretendido não cabia no local a ele destinado no anteprojeto do arquiteto: não havia suficiente profundidade no recinto. A solução sugerida pelo fabricante do órgão



foi então acatada, ou seja, que o console com os 2 manuais (onde se senta o organista) fosse transferido para um dos lados do instrumento.

O órgão, segundo os registros de nossos arquivos, pesa 3.300 quilos e tem um volume de 20 metros cúbicos. O console consta de 2 manuais, diversos registros, pedaleira, rolo crescendo e outros detalhes técnicos. Por indicação do fabricante, tudo foi instalado por um organeiro, Sr. Vollmar, representante da firma Walcker, em Buenos Aires. E assim, naquela festiva data de outubro de 1928 foi tudo devidamente inaugurado: igreja (com seu novo órgão) e dependências. O organista, já então, foi um jovem de 18 anos, Fritz Barth, que com sua extraordinária musicalidade e técnica encantou a todos naquele dia, e ainda por várias décadas, inclusive dando vários concertos.

Após o seu falecimento sucedeu-lhe a sua já eventual substituta, a Sra. Liselotte Finke-Köbig (também já não mais entre nós) e depois coube o cargo à Professora Ingrid Preuss (até hoje atuante no Colégio Cruzeiro).

E agora temos Eugênio Gall, dedicado músico, que ainda acrescenta a função de regente de nosso já tão afinado coral (e que organizou uma série de concertos pela reinauguração do órgão).

RESTAURAÇÃO

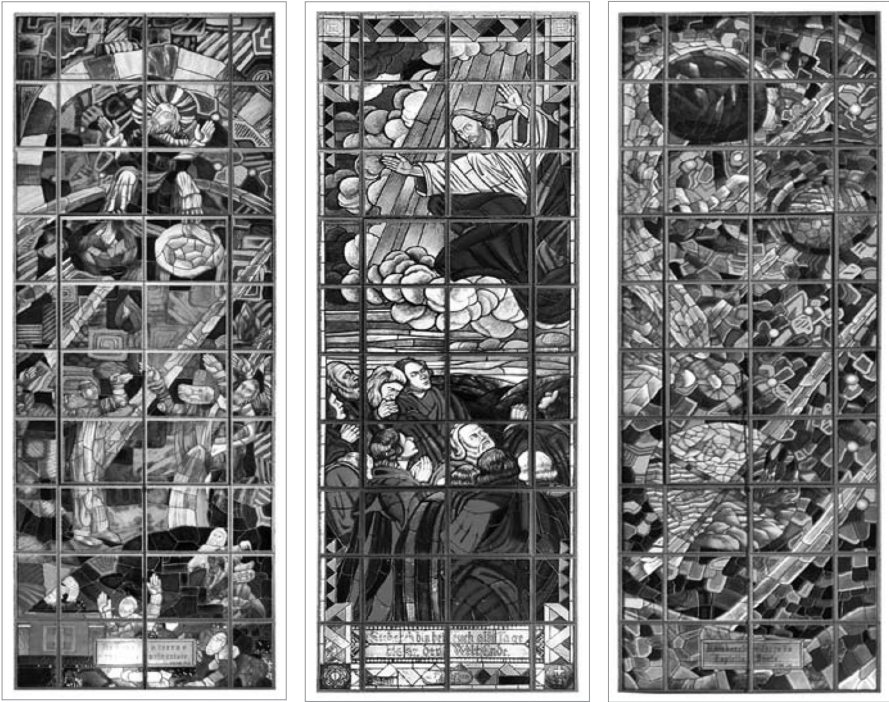
Foi inevitável que a passagem dos anos deixasse suas marcas deletérias em nosso instrumento. Por várias vezes foram feitos reparos emergenciais, mas sem grande amplitude.

Até que recentemente vimo-nos na contingência de realizar uma completa restauração do órgão. Como exemplo dos inúmeros problemas surgidos, cite-se, que, por vezes, ao se tocar uma certa nota, ela simplesmente ficava presa, soando sem cessar e assim impossibilitando a continuação da execução musical.

Então o nosso Conselho tomou a deliberação, viu-se mesmo na contingência de recorrer aos membros que pudessem auxiliar financeiramente nessa enorme empreitada. O esforço foi grande, inclusive de membros que mobilizaram parentes residentes na Europa (Suíça e Alemanha), para arrecadar os recursos necessários. Mas o vulto do serviço era tanto, que o orçamento de muito ultrapassava as nossas próprias possibilidades financeiras.

Mas através de contatos do nosso atual pároco, P. Dorival Ivo Ristoff, junto ao Consulado Geral da República Federal da Alemanha no Rio conseguimos, após muito esforço, e trâmites burocráticos, uma substancial ajuda do governo alemão, o que então nos permitiu de contratar a firma especializada Família Artesã Rigatto e Filhos dos organeiros Srs. Márcio, Daniel e José Carlos Rigatto, de São Paulo. Assim foi feito o desmonte total do órgão, substituição das peças estragadas e remontagem final. Enfim, uma completa restauração. Isto sem falar na descupinização da caixa (ou móvel) do instrumento, pois a mesma estava extremamente danificada por essa praga.

E por razões de ordem prática, o console agora foi transferido para baixo, ao lado do altar, de forma que oficiante e organista possam se comunicar, dando um melhor entendimento, principalmente durante a liturgia dos cultos (o que antes era precariamente feito através de um espelho). Assim temos o maior e mais divino dos instrumentos em nossa igreja novamente soando plenamente, e por muito tempo, para honra e glória de Deus!



Os vitrais da Igreja Luterana Martin Luther

PENTECOSTES

Este vitral de Pentecostes é uma das mais impressionantes obras do vitralista Charles Crodel, de Frankfurt am Main/Alemanha. Sua vida está ao mesmo tempo na distância e na altura. O artista mostra o Cristo ressurrecto como “Pantokrator”, como Senhor do mundo, em sua grandeza e glória. Entronado no arco-íris da graça divina, sol e terra parecem ser apoio para seus pés. O olhar do Cristo vai ao infinito, aos “confins da terra”. Suas mãos estão elevadas para a bênção. A figura, imbuída no radiante alvo da glória de Deus, é circundada por uma coroa de raios dourada, recheada dum verde luminescente. Raios claros de luz atingem pessoas, que em adoração elevam mão e rostos para o alto. Acima deles se derrama - qual línguas de fogo - o Espírito de Deus. No relato de Pentecostes encontramos a realização da profecia palαιο-testamentária: “Eu vos darei novo coração e novo espírito e farei de vós pessoas que andam em meus mandamentos, guardam os meus direitos, e agem de acordo.” Neste espírito, os seres humanos com sua confissão e sua vida se tornam testemunhas de Cristo Jesus, “santos”, cuja vida está repleta do Santo Espírito de Deus. Medo e ódio são vencidos. Todo pensar e sentir, planejar e decidir pode acontecer em verdade e comedição, em dedicação e amor ao próximo.

A CRIAÇÃO

Os dois relatos da criação que achamos na bíblia têm uma coisa em comum: confessam Deus como Criador e autor do mundo e da vida. À pergunta quanto à forma da qual o

mundo foi criado, dão respostas bem diferentes. Os cientistas naturais do nosso século têm idéias bem diferentes quanto à origem do mundo. Ao perguntar pela autoria, o ser humano de hoje está perante à mesma decisão que enfrentaram os homens do antigo testamento: acaso, ou Deus? A pergunta pelo que existia no início: névoas espirais ou, como diz a bíblia, o “tohuwabohu”, não é invalidada, mas sim remetida a um segundo plano pela outra pergunta pela força ordenadora e criadora de vida.

O vitralista Charles Cordel, de Frankfurt, criou um impressionante vitral representando a criação do mundo. Deus parece não estar presente - no entanto, está. Os raios brancos que qual relâmpago atravessam o vitral em diagonal, abraçam o negro da escuridão e criam um fundo atrás da pomba, símbolo do Espírito Santo, simbolizam a ação de Deus. O impressionante azul do vitral quer ser mais do que universo. Indica a infinidade de Deus, mas também indica sua fidelidade, que permeia sua criação, viva ou não. A pomba voa em direção à terra. Sol e lua parecem insignificantes. A orbe terrestre se acha dividida em 4 campos, cada um mostrando um dos 4 elementos originais: fogo, ar, água e terra. Sobre a orbe está uma cruz. Seria ela só a indicação do eixo da terra e do equador? Não é, ao mesmo tempo, a cruz de Cristo que traz salvação para o mundo? Os pontos vermelhos fazem pensar em gotas de sangue. Sangue derramado não só sobre o mundo, mas também a favor do mundo.

ALGUNS DADOS INTERESSANTES

PARÓQUIA MARTIN LUTHER – MEMBROS NASCIDOS ATÉ 1910

Franziska J Baudach – 15/08/1902

Frieda Henning – 15/11/1903

Thea Offerhaus – 09/09/1906

Elsa Dannemann – 03/01/1910

MEMBRO PAGANTE MAIS ANTIGO

Marianne Wysard Caesar – 07/11/1917 – membro desde julho 1944

MEMBRO PARTICIPANTE DO CONSELHO – PRESIDENTE MAIS ANTIGO

Rolf Schnellrath – 26/09/1929

Do Frauenverein ao Hospital do Amparo

A presença luterana no Rio de Janeiro também colaborou para a fundação de outras instituições, no caso, o Amparo, instituição esta que completa 95 anos, fazendo-se presente na vida de muitos associados e amigos, tornando-se parte indissolúvel da comunidade alemã-brasileira.



O “Amparo Feminino de 1912” (Sociedade Beneficente) foi fundada em 1912 pelo Pastor Friedrich Ludwig Hoepffner da Igreja Evangélica Alemã do Rio de Janeiro em conjunto com a Associação de Senhoras Evangélicas (Deutscher Frauenverein), com o objetivo inicial de dar assistência materno-infantil a pessoas carentes da colônia alemã-brasileira.



As sucessivas diretorias e as Irmãs Diaconisas se dedicaram a esta obra, não distribuindo lucros aos associados, reinvestindo na manutenção, modernização e ampliação da Sociedade, ao longo de todos estes anos.

Com a ajuda inicial de 19 senhoras da colônia alemã-brasileira instalou-se esta entidade em dois modestos cômodos alugados na casa da Sra. Hermine Mueller, na Rua Paula Mattos, nº 19, Santa Teresa.

Em 1915 chegava a primeira Irmã Diaconisa, vinda de Blumenau, S.C., parteira diplomada. Por falta de espaço, alugou-se mais tarde uma casa na Rua Barão de Petrópolis, nº 120, junto à moradia do Pastor Hoepffner. Só após o término da primeira Guerra Mundial a entidade pôde receber a ajuda de mais duas Irmãs Diaconisas, vindas da Alemanha, da cidade de Wittenberg, onde naquela época, se encontrava a sua Casa Matriz, possibilitando assim a instalação do primeiro repouso para senhoras idosas.



Desde então esta instituição se desenvolveu muito, sempre com a ajuda de pessoas físicas e jurídicas.

As dificuldades enfrentadas durante o período da Segunda Guerra Mundial foram superadas com a ajuda de várias pessoas,

destacando-se a atuação de Dr. João Francisco Lages Netto, recentemente falecido.

Ao longo das décadas seguintes o Amparo se transformou, como verifica-se nos registros abaixo:

1922 – Compra de um imóvel na Rua Barão de Petrópolis

1924 – Inauguração do prédio principal do “Amparo”

1941 – Mudança do nome “Deutscher Frauenverein” para Sociedade Amparo Feminino de 1912

1942-1944 – As Irmãs Diaconisas tiveram que se retirar do trabalho, sendo repatriadas para Alemanha

1945 – O “Amparo” é reconhecido como entidade efetivamente brasileira, conforme D.O Seção I, nº 144 de 22 de maio de 1945

1955 – Através da doação do Sr. Otto Mattheis, foi comprado terreno ao lado, na Rua Estrela

1965 – Inauguração do prédio do Hospital, ficando o prédio antigo para abrigar senhoras idosas

1974 – Inauguração do novo prédio para senhoras, ficando a antiga casa só para a administração

1985 – Obtenção do título de Utilidade Pública Federal

1990 – 2000 – Melhoramentos substanciais no “Hospital do Amparo”

Em 2007 podemos perceber uma instituição antiga transformada em Hospital Geral com UTI, unidade neonatal, pronta a receber e atender diversas especialidades médicas, além de contar com ancionato com capacidade para atender 53 idosos. A instituição acompanhou as demandas necessárias para seu desenvolvimento sendo hoje reconhecida como Hospital e Ancionato do Amparo.

Informações Cristina Schnellreth

Diretoria do Amparo

Compilação e organização Margret Möller

Brechó da Martin Luther

Hoje, pode-se dizer, o Brechó da Martin Luther é um “case” de sucesso.

Mas, como e por que foi instituído? E, por que se transformou em sucesso, pelo menos segundo o nosso ponto de vista?

Bem, não é desconhecido de todos as freqüentes dificuldades financeiras vividas por algumas das principais igrejas tradicionais. E, claro, não é diferente com a Igreja de Confissão Luterana no Brasil e, muito menos, na Paróquia Martin Luther.

Cansados e até inconformados com a solução tradicional para o enfrentamento do déficit de caixa, de solicitar aumento das contribuições individuais ou emissão de solicitações extraordinárias, como fazem os condomínios, por volta de setembro de 2005, o Conselho Paroquial resolveu enfrentar um desafio diferente. Suprir as suas necessidades com trabalho.

Mas que trabalho poderíamos realizar, cujo resultado pudesse se transformar em receita financeira para a paróquia?

Foi aí que surgiu a idéia de instituímos um brechó. Daí para a realização foi um pulo, como dizem os mais antigos. Precisávamos, porém, do efetivo envolvimento e comprometimento de todos os membros – e até de não membros – da nossa paróquia. Muitos precisavam se engajar e doar os produtos que viríamos a oferecer aos futuros frequentadores. Outros precisavam disponibilizar o seu, às vezes, precioso tempo livre aos sábados. Tempo livre? Quem os tem nos dias atuais, quando quase tudo fica para ser feito amanhã?



Com coragem, não pensamos muito no que seria difícil. Preferimos acreditar que seria fácil. E foi, graças a Deus! Não acreditávamos que Ele pudesse deixar-nos desamparados. E...- claro - não deixou! Como dizem os jovens, Ele é demais! Ou, traduzindo, D +.

Foi assim que começou. O pastor pedia os donativos nos cultos. A secretária fazia contatos. Um grupo se mobilizava para apanhar quando o doador não podia deixar na igreja, e assim foi até que, em setembro

de 2005, “abrimos as portas do Brechó da Martin Luther”.

Começamos ousados. A necessidade era tanta que desafiávamos as nossas próprias condições pessoais e promovemos brechós sábados e domingos, durante três semanas seguidas.

A cada novo brechó aumentava o nosso ânimo. Formavam-se filas no portão antes da abertura. Filas? Que filas! Eram, na verdade, verdadeiras aglomerações e literais “batalhas” quando o portão era aberto. Nos primeiros dias até nos assustávamos. Depois acostumamos e até nos divertíamos, embora fosse necessária atenção total. Não foram poucas as vezes que “espertos” chegaram no “bolo”. É claro!, alguns aborrecimentos tivemos de contornar, decorrentes, inclusive, de desentendimentos/disputas entre frequentadores. Também aprendemos com isso.

O resultado financeiro veio. O ânimo aumentou. A comunidade estimulou. As doações cresceram. Tudo aumentou, inclusive o cansaço do pessoal. E, para preservar o “time”, resolvemos reduzir a periodicidade do brechó, passando para uma vez por mês, como ainda é nos dias atuais.

O que sempre pareceu ser um incômodo, a existência de uma feira livre, na frente da nossa porta, passou a ser então, fator fundamental para o nosso sucesso. Alguém pode questionar: fator fundamental? Sim, fator fundamental! Fundamental por uma simples razão: a feira livre traz pessoas. Pessoas que comprem em brechó. Até os feirantes são nossos “clientes”. Mas aprendemos uma outra coisa, também. O brechó é um campo livre. A ele comparecem pessoas de todos os tipos, de diferentes classes sociais e, felizmente, todos compram. Umas mais, outras menos. Algumas com centavos, outras com vários reais.

Olha! Não tenho como lhes dizer quão ricas foram, e são, as experiências adquiridas com cada pessoa com que falamos.

Mas aí surgiu uma outra coisa muito boa. Surgiu o brechó como serviço social. Mais uma vez alguém pode indagar: Brechó! Serviço social? Como assim? Explica isso!

Fácil de explicar. O que vendemos? Vendemos o que ganhamos. Portanto, nosso custo é zero. Então, por isso, nossos produtos são oferecidos a preços muito baixos. Baixíssimos, pode-se dizer. Você compra um par de sapatos (bons) por R\$ 3,00 reais? Uma camisa por R\$ 4,00? Um vestido (caro) por R\$ 5,00? Sem contar as inúmeras peças de vestuário oferecidas a R\$ 1,00. Talvez em pouquíssimos lugares. No Brechó da Martin Luther, com certeza. Pois então, isso não é uma forma de prestar um serviço social à sociedade? E, olhem, não são poucas as pessoas que solicitam desconto por não possuírem toda a importância necessária para a aquisição pretendida. Nunca negamos um desconto. Ao contrário, não foram poucas as vezes que atendemos, gratuitamente, pessoas necessitadas.

Houve caso que seria cômico, se não fosse triste. Uma senhora nos procurou solicitando uma roupa para poder sepultar um parente que havia falecido no INCA, que, como todos sabem, é nosso vizinho de frente. Atendemos, é claro!

Houve outro. Eu mesmo atendi um homem, relativamente moço, com aparência pouco cuidada, que pediu um traje para poder iniciar num emprego que havia conseguido. Atendemos a sua necessidade. Passado um certo tempo ele retornou. Perguntei-lhe sobre o emprego. Continuava nele. Era “apoio”. Sabem o que é ser “apoio”? São estas pessoas que, identificadas com coletes, ficam nas ruas e esquinas “cuidando” das pessoas e imóveis numa certa região da cidade. Existem muitas espalhadas por ai, sabe-se lá trabalhando em que condições e com que direitos. Mas este é outro assunto. Bem, o que ele queria desta vez? Queria alimentos para atender a sua família enquanto o “salário” não saía, segundo as suas palavras. Mais uma vez, o nosso modesto serviço social se fez presente. Com a campanha do quilo (que merece ser revigorada por todos nós) dispomos de umas poucas coisas, mas que nos permite socorrer pessoas como ele, cujo nome, confesso, não perguntei.

Em outra ocasião me surpreendi com uma moradora de rua, mais precisamente da Praça Cruz Vermelha, também nossa vizinha. Pedia uma troca de roupa. Queria escura, porque não poderia aparentar sujeira. Seria difícil lavá-la. Mas onde está a surpresa. A surpresa veio com o domínio que ela tinha do idioma alemão. Embora brasileira, fora casada com um homem alemão, com quem viveu na Alemanha e de quem havia se separado. A surpresa não cessou aí, na conversa disse ser de boa família, inclusive com uma irmã advogada, com escritório constituído e atuante. Não soube explicar sobre a sua opção de viver daquela forma tão, digamos, despojada.



Quando lembro disso, recordo do tempo em que, ainda em Curitiba, estava na faculdade e cumprindo uma tarefa para a cadeira de Sociologia, integrei um grupo formado para apresentar um trabalho intitulado “A Recuperação Social do Indigente”. Outra experiência ímpar. Até mendigo orgulhoso por ter um irmão deputado nós encontramos. Encontramos, também, pessoas que simulavam carência, pediam esmolas, mas de necessitadas não tinham nada, muito pelo contrário. Coisas do povo! Será que só (do povo) brasileiro?

Ah! Voltando ao nosso brechó, existem pessoas que fazem grandes compras de roupas, levando inclusive malas, que também temos à venda, de cujos relatos sabemos que são para atender parentes sem condições, que continuam nas suas cidades natal, de modo geral do Nordeste do Brasil. Eta solidariedade gostosa de se ver e viver! Olhem! Não são poucas as pessoas que fazem este tipo de compra. Esse Brasil e essas pessoas nos surpreendem – e ensinam – todos os dias. E nós ficamos a nos perguntar: reclamar de quê? Como Deus é bom por nos dar o que dar!

Enfim, hoje podemos dizer: o Brechó da Martin Luther vai muito bem, obrigado! Obrigado mesmo, obrigado aos que doam, obrigado aos que trabalharam e ainda trabalham, obrigado os que o freqüentam e fazem compras. Obrigado a Deus, que nos dá força e coragem para continuar.

A parte financeira, de certo modo, melhorou. Claro que as dificuldades persistem, porém menores. Só que não dá para parar. Não dá para parar porque necessitamos e não dá para parar porque as pessoas necessitam.

O Brechó é sucesso! Tanto sucesso que nos permitiu convidar nossa querida Paróquia Norte, sempre também tão necessitada e carente de recursos, mas tão pródiga em pessoas abnegadas, a utilizar o nosso espaço físico nos dias que não realizamos o nosso brechó, para que, trazendo os seus produtos, obtenham os seus recursos e nos auxiliem a manter o serviço social em que se transformou o Brechó da Carlos Sampaio, 251 e, por que não? Da Igreja Luterana do Rio de Janeiro. A nossa, a sua, IECLB.

Carlos Roberto dos Santos Caldeira
Presidente do Conselho Paroquial no período
março/2002 a março/2006, atual secretário do
Conselho da Paróquia Martin Luther.

A “Montagsgruppe” (Grupo das Segundas-feiras)

A “Montagsgruppe” não nasceu numa segunda-feira, mas depois de algumas denominações como “Frauengruppe” (grupo das mulheres), “Frauenhilfe” (grupo de ajuda das mulheres), “Bazargruppe” (grupo de bazar) ficou o nome acima, pois há muito tempo é às segundas-feiras que se reúne o grupo de senhoras para confeccionar os trabalhos artesanais, que serão vendidos durante os bazares.

Na casa da Sra. Gertrud Lundgren, há mais de 40 anos, começaram as reuniões com a participação, além da anfitriã, das senhoras Inge Jacobi (coordenadora do grupo durante muito tempo), Thea Möller, Vivian Ritter, Beatriz Künning, Valinka Heinz, Hanne Schupp, Ruth Seelig, Ully Gonçalves, todas interessadas e dedicadas em ajudar à Igreja Martin Luther, contribuindo com seus talentos e habilidades. Os primeiros bazares realizados, ainda na antiga sede do Clube Beira-Mar, depois Germânia, na Rua Real Grandeza, já começavam a ter um público cativo, pela qualidade e originalidade dos trabalhos, numa época que havia pouca variedade de artigos de Natal à venda no Rio de Janeiro.



Juntaram-se ao grupo as Sras. Winnie Leigner, Nina Rüger, Ursula Helmer, Edda Bratstroem, Renate Mannshardt, Erika Sinner, Lydia Schupp, Paula Geise, Tita Brotherhood, entre outras, sempre com o interesse de trazer novidades, produzir artigos decorativos originais e colaborar para ajudar financeiramente a Igreja.

O grupo foi crescendo, começando a se reunir na Igreja de Ipanema (Paróquia Bom Samaritano), após bom tempo saiu de lá, porque as instalações começaram a ser usadas para diversas atividades sociais direcionadas à população do entorno, como cursos de alfabetização, de corte e costura, etc... .

O grupo, então, passou a se reunir no Salão Paroquial da Igreja Martin Luther, à Rua Carlos Sampaio, 251.

Vários pousos e sempre o mesmo ideal: em conjunto, trabalhar para ajudar, procurando equilibrar as finanças, registrando também, como retorno gratificante, que os bazares já eram aguardados também como ponto de encontro.

Ao Bazar de Natal acrescentou-se um Bazar de Páscoa, preenchendo na época, uma lacuna em termos de artigos específicos para a data.

Vale ressaltar aqui a permanente hospitalidade da Sociedade Germânia, que há anos cede seu espaço para as atividades da Igreja: bazares, desfiles, almoços e chás beneficentes. Nossos agradecimentos!

As esposas dos pastores, tiveram, cada uma de maneira singular, grande participação: Sra. Helga Kräutlein, além de colaborar ativamente na produção artesanal, promoveu alguns almoços tipo “Schlachtplatte” na Sociedade Germânia de memorável lembrança: ela e a Montagsgruppe conseguiram lotar as dependências da Sociedade Germânia (até 800 pessoas), baseando-se em solidariedade e trabalho conjuntos impressionantes.

E quem cozinhava: as delícias todas oferecidas pelo casal Erika e Knut Meiswinkel! Doações de prendas e tortas ajudaram a tornar estes almoços inesquecíveis. As senhoras alemãs, esposas do pessoal expatriado, que Helga Kräutlein reunia no famoso “Kenn-

lernen-Tee”, foram parte importante para o sucesso dos almoços. As Sras. Margret Burger e Verônica Ellinger colaboraram de forma diferente, focando sua participação em visitas e aproximação de grupos menores e diversificados, reunindo-os na casa paroquial. Com a chegada da Sra. Eneida Ristoff, o grupo ganhou o importante impulso de uma artesã muito talentosa e criativa, o que vem se refletindo há algum tempo nos artigos colocados à venda. E já que falamos em talentos, sra. Ilse Caldeira, com suas mãos mágicas, transforma tudo que aparece em belíssimos enfeites. .

Como já mencionamos, fora o trabalho regular, a Montagsgruppe, sob coordenação das Sras Uly Gonçalves e Norma Strattner, organizou durante muitos anos um desfile de modas com venda de artigos apresentados, muitos confeccionados com material importado. E as modelos? Senhoras da Montagsgruppe!



Cabe um agradecimento especial ‘a sra. Elisabeth Armbrust, responsável pela comunicação visual da Montagsgruppe: folhetos, cartazes, convites, etc., tudo ela providencia com perfeição. Jantares beneficentes, organizados pela Sra. Erika Meiswinkel, receberam o apoio da Montagsgruppe. Almoços beneficentes, iniciativa mais recente, já mostraram que o sentimento de solidariedade impulsiona a venda

de ingressos, e o momento agradável de encontro e reencontro com pessoas da própria paróquia ou de outras, e com os amigos da boa causa, é sempre alegre. Há algum tempo, a Montagsgruppe destina exclusivamente seus recursos para a melhoria e manutenção do patrimônio da Igreja, como naturalmente para custear as compras de material para os bazares. Podemos citar algumas obras e melhoramentos: grades de proteção, reforma do telhado, revisão da instalação elétrica, ar condicionado para o Salão Paroquial, reforma da cozinha e, atualmente, pintura da fachada.

É com grande admiração e gratidão que lembramos das senhoras que iniciaram este trabalho, bem como de todas que de uma forma ou outra, colaboraram ativamente durante estes mais de 40 anos de realizações.

Encerramos este relato, pedindo a Deus que esta iniciativa possa se perpetuar através da permanente renovação do grupo recebendo pessoas interessadas em ajudar.

Foram muitas as pessoas que nos ajudaram e pedimos a compreensão para o fato de todas estarem representadas pelas nomeadas neste relato, as que iniciaram o trabalho e aquelas que hoje representam a Montagsgruppe. Atualmente fazem parte do grupo: Norma Strattner, Renate Mannshardt, Gertrud Lundgren, Uly Gonçalves, Ingeborg Reverdy, Elena Garay, Eneida Ristoff, Ilse Caldeira, Carla Stoffel, Mônica Frederick, Elisabeth Armbrust, Ingeborg Urbscheid, Mônica Sousa, Gisela Rodrigues, Lisa Heinz, Dorothy Krause, Margret Möller, Katharina Temke e Charlotte Huhn.

Informações Uly Gonçalves e Gertrud Lundgren.

Compilação e organização Margret Möller

Coral Martin Luther

*“Cantai ao Senhor um cântico novo,
porque ele tem feito maravilhas!”
Salmo, 98, 1*

Qual a igreja que não tem ou, pelo menos, gostaria de ter um coral para engrandecer o nome do Senhor? Se a resposta não for, todas, certamente há algo que não está em sintonia com o salmo trazido na abertura, do qual, propositadamente, se extrai: **Cantai ao Senhor!**

Não foi diferente na Paróquia Martin Luther. Entretanto, não obstante o já longínquo 1827, foi apenas em 1994 que, por iniciativa do Pastor Norbert Ellinger, foi formado o coral que, no dia 16 de março, iniciou as suas atividades., ininterruptas até hoje, pela graça de Deus. A inspiração do P. Ellinger veio da sua participação no “Windsbacher Knabenchor” (Coral dos Meninos da Cidade de Windsbach) da Alemanha.

O grupo do Coral entende que é sua missão levar a mensagem de Cristo através da música. Fortalecidos pelo entusiasmo do seu fundador e regente, após o seu retorno para Alemanha, o grupo, ainda que saudoso e triste pela ausência do líder, manteve-se firme e com o foco inalterado. Louvar o Senhor com a música.

A saída do primeiro regente fez com que outras oportunidades surgissem. Foi com ela e com o regente João Genúncio, que o coral se viu fortalecido. Com ele vieram muitas outras vozes e tornou-o ricamente ecumênico, uma vez que muitos dos que chegaram, cristãos, não professam a confessionalidade luterana.

Os regentes, não muitos, se sucederam. Desde 2002 temos a alegria de ter como regente o nosso organista, Eugênio Gall, que com seus dons, sua paciência e perseverança não só tira sons maravilhosos do nosso órgão mas também do nosso coral. Os cantores que vieram, na sua maioria, ainda hoje estão conosco. São vozes fundamentais para a beleza e harmonia do conjunto. São vozes maravilhosas, que transmitem a música através de suas almas!

Beethoven já dizia que: “A voz humana é o instrumento mais sublime que existe” e, assim, através de nossos hinos, com suas melodias e letras levamos às pessoas mensagens de luz, alegria, paz e esperança, e, principalmente, o louvor e gratidão ao nosso bondoso Deus!

Trata-se, evidentemente, de um coral amador, integrado por pessoas que se doam e que têm como fim precípua o louvor a Deus nos cultos dominicais na igreja. É, entretanto, integrante obrigatório nos cultos solenes, como os da Reforma, de Confirmação, de Natal,



de Páscoa e outros para os quais é convidado. Além deles, têm participado em encontros de corais, como os ocorridos em Petrópolis, Nova Friburgo, São Paulo e Minas Gerais. Seus membros integraram, com orgulho e satisfação, o grande coral luterano formado pelos corais participantes do evento de comemoração dos 180 anos da Paróquia de Nova Friburgo. Como homenagem à perseverança e incansável colaboração, citamos como integrantes fundadores que ainda permanecem em atividade, a senhora. Elzira Bennevitz e o casal Anita e Friedhelm Herman Wössner.

Como o Coral é chamado “Martin Luther”, lembramos as palavras do nosso reformador:

“Meu coração transborda de gratidão à música, que tantas vezes me alentou e salvou da tristeza!”

Como é bom cantar e louvar a Deus!

Hannelore Weber

(Colaborou Carlos R. dos S. Caldeira)

CORAL DA MARTIN LUTHER:

Adilson dos Santos

Anita Ohnesorge Woessner

Christa Luise Campagnani

Cisto José Lourenço

Daniel Pinheiro

Davi Baasch

Dorival Ristoff

Eliezer Justiniano da Silva

Elzira Bennevitz

Friedhelm Woessner

Hannelore Weber

Heidi Gate

Ingeborg Laaf

Iracélia da Silva

Márcia Cordeiro de Barros,

Marcos Linhares Mouren,

Maria Creuza C. Nascimento,

Silvia Helena Rocha Souza,

Valéria Cristina Hammer Souza,

Vanir Pinheiro,

Verena Norika Stettler

Wolf Henrique Brucher

EUGÊNIO CARLOS DE LIMA GALL – REGENTE

Grupo de Encontro, Reflexão e Fé (ex Frauenhilfe/Seniorenkreis)

Einladung:

*“Kommt und spürt den Geist der Kraft,
der Liebe und der Besonnenheit, den Gott
uns schenkt.”*

Convite:

*“Venham e sintam o espírito de poder,
amor e prudência,
que Deus nos dá.”*



Até onde me foi dado conhecimento, este grupo já era um pequeno círculo de senhoras (com um mínimo de quatro/máximo de sete pessoas), que vinha se reunindo uma a duas vezes ao mês, sempre no domicílio de uma delas. A partir de junho de 1962, o casal Martha e Richard Schulze assumiu a liderança do grupo em sua residência no bairro do Encantado. Os encontros se davam em língua alemã e o grupo passou a chamar-se Frauenhilfe Encantado. Assim foram caminhando até 1987, quando comemoraram 25 anos de existência. Para celebrar esta data histórica foram convidados senhoras da Stadtkirche (Igreja do Centro, como era chamada a Martin Luther) e o pastor Kräutlein.

Durante este período a frequência anual média, que iniciara com cinco senhoras, foi gradativamente aumentando até atingir 15 pessoas. As reuniões que, a princípio, apenas tinham o Advento como data especial e destacavam as aniversariantes do mês, passaram a acrescentar datas como a Páscoa e o dia das Mães. Em ocasiões especiais e à medida que o grupo crescia, foi sendo sucessivamente solicitada a presença de um pastor de alguma de nossas paróquias. Na época, após a do Centro, as de Niterói, Ilha do Governador e Ipanema. A partir daí, outras pessoas começaram a freqüentar os encontros: esposas de pastores, senhoras do Consulado Alemão e das Montagsgruppe de Niterói e Ipanema. (Para quem não conhece, Grupo das Segundas-feiras, que fazem belíssimos trabalhos manuais para bazares de Páscoa e Natal, e que representam um inestimável reforço financeiro para a manutenção e reparos em nossas igrejas.) Por outro lado, em alguns desses encontros, as senhoras realizavam visitas ao Amparo Feminino, no Rio Comprido, ao Retiro da Sociedade Humboldt, em Jacarepaguá, e à Comunidade e OASE de Niterói.

Em 1988, sempre sob a coordenação do casal Schulze, o grupo passou a revezar seus encontros ora no salão paroquial da Martin Luther ora na casa de participantes. Com esta mudança os encontros passaram a contar definitivamente com a presença do pastor da Martin Luther da vez e sua esposa.

A partir de 1990, com a frequência sensivelmente aumentada para até 35 pessoas por encontro, as reuniões passaram a realizar-se exclusivamente na Igreja Martin Luther.

Deu-se, então, em 1998, uma grande novidade: Os encontros também passaram a ser freqüentados pelo sexo masculino, o que acarretou a mudança do nome para Frauenhilfe und Seniorenkreis. A partir de 2003, outra transformação: após 40 anos de idioma alemão, o grupo passou a adotar o português em suas reuniões sem, entretanto, abandonar a tradição do idioma fundador. Até hoje são citados textos bíblicos, pensamentos e bênçãos

em alemão, com tradução concomitante.

Como o passar dos anos também começou a pesar para o casal Schulze, D^a Martha aproximou-se da relatora deste histórico, sugerindo assumir o grupo. Pensando sobre esta atraente proposta, concluí que o casal Schulze ainda tem muita vitalidade e, sobretudo, conhece a história de cada participante, razão porque propus trabalharmos em conjunto. Isto vem ocorrendo desde 2006, quando também foi preciso achar uma nova designação para o grupo, que passou a chamar-se Grupo de Encontro, Reflexão e Fé.

Por que encontro? Algumas pessoas gostam tanto desse estar-junto que não marcam outro compromisso para esse dia. Há para quem, na realidade, este encontro praticamente significa uma oportunidade única de convívio fora de casa. Por que reflexão? Bem, aí as respostas podem ser diversas, entre elas, certamente a necessidade que o ser humano tem de aprofundar-se nas coisas de Deus, de buscar novas forças e refazer suas esperanças. “A reflexão não é outra coisa senão uma atenção ao que está em nós” (Lalande, André, 1999, p 935). Por que fé? Ela parece ser uma parte integrante de toda a energia que norteia a vida, especialmente a vida em abundância. Um dos sentidos da fé: Adesão firme do espírito, subjetivamente tão forte como aquela que constitui a certeza, mas incomunicável pela demonstração (idem, p. 391).

Como decorrem nossos encontros? A duração aproximada é de duas horas e meia e se compõem mais ou menos assim: há uma saudação inicial, destaque para aniversariantes do mês, seguido por caloroso parabéns, menção das datas relevantes em curso e uma bênção nos dois idiomas. Intervalo para um lanche, servido em mesas especialmente decoradas, ao som de animadas conversas, muito bate-papo e surpresas. Prosseguem com a reflexão para a ocasião e terminam com uma oração final.

De uns tempos para cá não apenas pessoas da melhor idade como também mais jovens vem freqüentando nossos encontros. Já recebemos não só as filhas adultas e visitantes de nossos participantes, como também seus netos pequenos e adolescentes. Esta confiança e diversidade em nossos encontros sempre nos enchem de alegria.

Venha também você fazer parte deste grupo que, salvo exceções, se reúne na terceira quarta-feira de cada mês, com recessos no verão e inverno. Informe-se na Secretaria da Paróquia ou com as coordenadoras.

O curioso é que neste ano de 2007, em que a Igreja Martin Luther se movimenta para celebrar seus 180 anos de existência, o presente grupo completa, justamente também em junho, seus 45 anos de percurso. Feliz coincidência! Ou uma lei “a priori” da natureza, segundo a qual nada acontece por acaso cego (in mundo non datur casus.) e da mesma forma não existe na natureza necessidade cega, mas apenas uma necessidade condicional, portanto inteligível (non datur fatum) (idem, p. 390).

Finalizo com a seguinte constatação, que considero extremamente significativa:

Du bist der Gott, der mich sieht (1 Mose 16, 13).

Tu és o Deus que me vê (Gênesis 16.13).

Um carinhoso abraço
Margot Hoffmann

Nosso Passado Recente

Estamos terminando este capítulo que conta um pouco da história da Paróquia Martin Luther do Rio de Janeiro e, com ela, da história dos luteranos no Rio de Janeiro.

O passado remoto foi muito bem explanado. Entretanto, não poderíamos deixar de incluir alguns aspectos do passado recente. Não nos arvoraremos no aprofundamento de tudo o que ocorreu na paróquia, porque o tempo não permitiu uma pesquisa mais aprofundada, mas, também, não poderíamos deixar de focar algumas das atividades relevantes desenvolvidas, ainda que agora, nestes tempos de comemoração dos 180 anos de presença luterana no Rio de Janeiro, não se apresentem com o mesmo vigor que já possuíam.

Eu, que me dispus a trazer estas linhas para o livro, antecipo desculpas aos que, por meu desconhecimento, deixarei de lembrar. Explico! A minha atividade regular na paróquia Martin Luther, pode-se dizer, é recente. Não regride além do ano de 1995, quando fixei residência na cidade, vindo do Nordeste do Brasil, trazido por compromissos profissionais.

Convém dizer, ainda, de forma preliminar, que a atuação da minha família se tornou freqüente e, efetivamente, participativa a partir do ano de 1999. Minha esposa no Montagsgruppe. Eu no Conselho Paroquial e, por isso, participando em quase todas as atividades desenvolvidas. É sobre elas, e apenas relativamente a este período, que me disponho a trazer como contribuição, de modo a que este livro não deixe de abordar, como disse, parte do passado recente da Paróquia Martin Luther, julgando oportuno, ainda, dizer que este passado recente refere-se ao tempo em que o pároco é o Pastor Dorival Ivo Ristoff.

AS NOSSAS CRIANÇAS

Nada melhor do que iniciar dizendo sobre as atividades desenvolvidas com as crianças, indispensáveis para a perenidade da nossa Igreja Luterana. Elas receberam e recebem atenção cuidadosa e especial de muitas pessoas, dentre as quais, ainda que com a possibilidade de ser injusto pela falta de citação, não se pode deixar de mencionar as sras. Elke Schulze; Ruth Barbosa Cardoso Silva e Lisete Schutz.

Recebendo as crianças duas vezes por mês para o culto infantil, além dos ensinamentos religiosos, sempre foi preocupação das lideranças o exercício de dinâmicas que promovessem a participação delas nos eventos especiais da paróquia. Assim, é com grande alegria que registramos que sempre houve apresentações infantis nos cultos de homenagem às mães, aos pais, na páscoa, no natal e em outros momentos importantes da vida



Dia dos pais

paroquial. Embora não se possa dizer que os grupos foram e são numerosos, inegável a importância da atuação que as conduzem até à Confirmação.

Os Nossos Jovens

Não menos difícil têm sido o trabalho com a Juventude Evangélica, sendo importante reconhecer as dificuldades inerentes da igreja localizada no centro de uma grande metrópole como a cidade do Rio de Janeiro. A dispersão dos membros é muito grande. As distâncias a serem percorridas, para a

participação nos encontros é idêntica. Com o esforço da Elke Schulze, do Walter Richter e do Carlos Reetz, foi possível estruturar e fortalecer a atividade da Juventude. Com o estímulo que sempre receberam, eles mesmos idealizaram e providenciaram um espaço próprio para o desenvolvimento das suas atividades, que está localizado num dos andares da torre da igreja. Foi com alegria e vibração que prepararam o ambiente onde realizaram seus estudos e celebrações.

Os jovens criaram uma banda. Venceram o que parecia ser um tabu e participaram dos cultos com a sua música, inclusive com a utilização de equipamentos eletrônicos e de percussão (bateria).



Celebração na torre.

Ficou estipulado que o culto do segundo domingo do mês teria a participação dos jovens com a sua música. E foi assim por muito tempo.

Não se furtaram em participar, também, com a música, nas comemorações do Dia da Igreja. Celebração conjunta de quase todas as paróquias do Rio de Janeiro, de

modo geral realizada fora do templo, junto à natureza, em espaços abertos e com grande congregamento.

Como é próprio dos jovens, foram realizados encontros de confraternização esportiva, não se podendo deixar de enaltecer o Colégio Cruzeiro, que sempre que solicitado cedeu as suas instalações. No dia 09 de novembro de 2002, foi realizado na unidade de Jacarepaguá, em conjunto com os jovens da Paróquia Bom Samaritano, que se estendeu ao Retiro Humboldt, onde encerrou com interessante confraternização entre as crianças e jovens com os adultos da melhor idade ali residentes.

Estimulante, também, foi conviver com estes jovens nos encontros do Núcleo Sinodal.



Jovens Nova Friburgo 2004

Períodos de rico congregamento. Ocorreram encontros em Nova Friburgo, Petrópolis, Rio de Janeiro.

Sob a liderança do Walter Richter, sempre disposto a desenvolver ações voltadas ao fortalecimento da unidade do grupo, foram realizados passeios e retiros, com destaque ao realizado em Niterói e no Parque Nacional do Itatiaia.

Rico, proveitoso, gostoso e emocionante foi o grande encontro realizado no dia 04 de

maio de 2002, no Parque Chico Mendes, na zona oeste do Rio de Janeiro, entre crianças, jovens e adultos, com momentos de lazer, meditação, descontração e música.

Neste tempo, contando com trinta e três jovens cadastrados e participantes, havia a edição mensal do boletim Juventude Evangélica, no qual eram divulgadas as atividades do grupo que se reunia com assiduidade e programação prévia, sempre sob a firme coor-

denação, é imperioso ressaltar, da Senhora Elke Schulze, a quem não se pode deixar de render homenagem, se não de outra forma, com a sua citação neste livro, que, na minha ótica, se constituiu numa lembrança e reconhecimento perenes.

TREFFABEND CULTURAL

É tradição em todas as comunidades luteranas o desenvolvimento de atividades com crianças e jovens. Havia, entretanto, uma lacuna a ser preenchida. Precisávamos encontrar uma forma de envolver os adultos. Muitas idéias surgiram, sempre esbarrando, porém, na questão já referida, à distância residência-igreja e a dispersão dos membros. Mais recentemente somou-se a ela a insegurança que vem assolando o Rio de Janeiro. Antes disso, e por tempo não muito longo, promovemos um encontro que denominamos de Traeffaben Cultural. Como diferencial atrativo idealizamos que neste encontro, realizado mensalmente, seria abordado um tema de interesse comum ou mesmo de curiosidade, desenvolvido por uma das pessoas do grupo, seguido por refeição comunitária, cujos quitutes eram trazidos pelos próprios participantes.

CONCERTOS

Com esforço e participação de membros da comunidade e fundamental auxílio financeiro do Governo da Alemanha, através do seu Ministério da Cultura, promovemos a reforma do órgão de tubos, que, depois de terminada, fez com que passássemos a ter um dos melhores órgãos de tubos da cidade.

Para valorizar ainda mais o instrumento, com a inestimável colaboração do organista Eugênio Gall, idealizamos a promoção de concertos, inserindo a Igreja Luterana no circuito cultural da cidade, não se podendo deixar de citar a importância do apoio recebido do Movimento Viva Música, que sempre que possível, veicula a programação.

Foram inúmeros os eventos realizados, sempre com entrada franca, inclusive com organistas de renome internacional. Ouvimos brilhantes execuções de organistas como Johan Hermans, da Bélgica; Detlef Steffenhagen e Michael Grill, da Alemanha; Cristina Benegas, do Uruguai;

Luiz Gonzáles, do Chile, e muitos outros nacionais, como Gertrud Mersiovsky, Dorotea Kerr, Eugênio Gall, Eduardo Biato, Domitila Ballesteros, Regina Lacerda, Marco Aurélio Lischt, Benedito Rosa. Alguns dos eventos foram enriquecidos com a participação de músicos como Ariane Petri (fagote); Igor Auras (flauta); Vanja Ferreira (harpa); André L. Medeiros (flauta).

A série de concertos foi entremeada de apresentações de corais, como os coros Dannemannn Siemens, da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro e Kniebis-Nagold-Gau, da Alemanha, sob a regência da Argentina Verônica Kluge e do Coral Excelsior, sob a regência de João Genúncio. Tivemos, ainda, as apresentações da Orquestra de Trombonistas, de Altenmedingen – Alemanha, e da Orquestra Sonfônica da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, sob a regência do maestro Maurílio Costa.

EVENTOS DE CONFRATERNIZAÇÃO

Atentos à necessidade de fazer com que os luteranos mantivessem a união, mesmo numa metrópole como o Rio de Janeiro, onde a distância que os separa é quase sempre medida em quilômetros, existia no presbitério uma pessoa encarregada de coordenar eventos, de modo geral gastronômicos. Esta pessoa – aliás, uma família – era a Sra. Erika

Meiswinkel. Suas idéias e entusiasmo sempre resultavam em eventos bem frequentados e, mais do que isso, muito animados. Foram inúmeras as programações, entretanto, para ilustrar, vamos colocar fotos do Jantar de Degustação, realizado no dia 22 de junho de 2002, seguido de dança.

CULTO FAMÍLIA

Sempre com o objetivo de aumentar as oportunidades de convívio entre os membros da paróquia, ficou estabelecido que o culto do quinto domingo do mês é dedicado às Famílias. Em si nada de novidade no que se refere à celebração. A novidade foi à inclusão de um almoço comunitário, no qual os participantes trazem as comidas e há a saudável repartição, onde todos comem o que todos trazem.

A riqueza do convívio fez com que realizássemos a celebração ao ar livre, aumentando a possibilidade de confraternização, como ocorreu em março de 2003, no sítio Húvulla, de propriedade da família da Dra. Ingeborg Laaf.

VISITAS ECLESIASTICAS

Os laços de amizade que unem as Igrejas do Brasil e da Alemanha fazem com que inúmeras sejam as visitas recebidas. Muitas delas de autoridades eclesásticas ou de pastores ordenados que, sempre que possível, participam ativamente dos cultos, de modo geral com a pregação do Evangelho.

ENCERRAMENTO DO ANO ECLESIASTICO DE 2002

A rica experiência de realização de ofícios campais estimulou outras iniciativas, levando-nos a celebrar, no dia 24 de novembro, o encerramento do ano eclesástico nos jardins da empresa Dynaplan, da família Meiswinkel, em Jacarepaguá. A beleza e o simbolismo ficaram ainda maior com a participação dos nossos irmãos das demais paróquias da CELURJ – Comunidade Evangélica do Rio de Janeiro. O culto foi conduzido pelos pastores Dorival Ristoff e Guilherme Friedrich, da paróquia Martin Luther e Esperança, respectivamente. A música ficou ao encargo do pastor Dorival Ristoff. A foto ilustra bem como foi a celebração, que foi seguida de almoço de confraternização, cuidadosamente preparado pela equipe da Sra. Erika Meiswinkel.



Húvulla confrat. 30032003

CELEBRAÇÕES DO DIA DA IGREJA

Como não podia deixar de ser, quando se reúnem irmãos, notadamente os unidos pela fé em Cristo Jesus, os momentos são de alegria e deixam saudades. Tantas que sempre que possível são repetidos nas celebrações de Pentecostes e Dia da Igreja, muito bem organizados pela Paróquia Norte. Alguns foram realizados no Campo dos Escoteiros em Guapimirim e outros na sede da Associação Cristã de Moços (ACM), na Ilha do Governador.



NÚCLEO SINODAL RIO DE JANEIRO

Por iniciativa do Sínodo Sudeste, na gestão do saudoso irmão em Cristo Herman Evelbauer, buscando o estreitamento das relações entre luteranos das diversas regiões, foram criados vários Núcleos Regionais, dentre eles o do Rio de Janeiro, que congrega as Paróquias de Nova Friburgo, Petrópolis, Niterói e Martin Luther, Castelo Forte, Bom Pastor e Bom Samaritano, do Rio de Janeiro. Além de reuniões conjuntas dos presbíteros, reali-



Guapi comitiva PML

zadas, alternadamente, nas sedes paroquiais, nas quais são discutidas questões comuns, e estabelecidas ações para consolidação de unidade, como por exemplo, a troca de púlpito e altar, atividade que consiste no revezamento dos pastores na condução dos cultos em paróquias irmãs.

PARCERIA RIO – SCHWEINFURT

A Comunidade Evangélica Luterana do Rio de Janeiro mantém, há muitos anos, vigorosa parceria com (Decanato de Schweinfurt da Igreja Evangélica da Baviera), a qual presta inestimável colaboração à obra social mantida pela Creche Bom Samaritano, ligada à paróquia do mesmo nome, localizada em Ipanema-RJ. Nesta parceria está incluída a realização de missões bianuais alternadas, fazendo com que tanto brasileiros como alemães tenham a oportunidade de conviver com os irmãos, nas suas residências, por cerca de quinze dias, além de participarem de eventos cuidadosamente planejados para as respectivas recepções. Destas visitas resultam o melhor conhecimento das realidades locais, além do estreitamento dos laços fraternos.

Em 2004, segundo a alternância, recebemos a comitiva de Schweinfurt, que nos deu a alegria e oportunidade de retribuir a atenção com que fomos recebidos em 2002. A programação foi intensa e desenvolvida em cada uma das paróquias da CELURJ, que se esmeraram para ultrapassar as expectativas que porventura tivessem trazido da Alemanha. E, tenho certeza, todas conseguiram. O acervo fotográfico é muito grande e só poderemos, infelizmente, incluir estas que estão a seguir.

NOSSAS CELEBRAÇÕES

Terminando este breve relato ilustrativo das atividades recentes da Paróquia Martin Luther, chegamos às celebrações de cultos e louvores ao Senhor da Igreja. Em princípio



Avaliação final grupo



Visita ao Colégio Cruzeiro

pode parecer dispensável uma vez que não se poderia admitir uma igreja onde a prática religiosa não fosse a sua principal razão de ser e, portanto, sua atividade diária. Claro! Por isso, na Martin Luther os ofícios são dominicais em língua portuguesa e no primeiro e terceiro domingos, até aqui, também em língua alemã. Os Cultos com Santa Ceia ocorrem sempre no terceiro domingo de cada mês, à qual são sempre muito bem-vindos todos os batizados em nome da Santíssima Trindade, independentemente se luteranos ou professantes de outras confessionalidades.



Despedida na ML



Almoço de despedida

A referência que se faz aqui é aos cultos celebrativos especiais como os de Natal, Páscoa, Pentecostes, Advento, Reforma e Confirmação, os quais poderíamos chamar de solenes, que, por tradição, são os sempre mais aguardados pela comunidade e revestidos de momentos de profunda emoção. Por ser de justiça, não se pode deixar de enaltecer o cuidado e esmero do Pastor Dorival Ristoff nas suas preparações, sempre com a música sendo a sua principal auxiliar na liturgia que nos conduz ao momento solene da prédica.

Naturalmente que todos os cultos são especiais, há que se destacar, porém, os ecumênicos e, em particular, os inseridos na Semana de Oração para Unidade dos Cristãos, programados pelo Conselho das Igrejas Cristãs do Estado do Rio de Janeiro (CONIC-Rio), nos quais a pregação não é do celebrante da denominação anfitriã e que oferecem oportunidade ímpar de convívio e conagração, na qual a prática do amor cristão é a tônica maior.

Carlos Roberto dos Santos Caldeira
Presidente do Conselho Paroquial no período
março/2002 a março/2006, atual secretário do
Conselho da Paróquia Martin Luther.



A PARÓQUIA BOM SAMARITANO E OS 180 ANOS DA COMUNIDADE EVANGÉLICA LUTERANA DO RIO DE JANEIRO

Um olhar retrospectivo para a história da Paróquia Bom Samaritano, com sua sede no bairro de Ipanema, significa percorrer uma trajetória muito importante da Comunidade Evangélica Luterana do Rio de Janeiro. Representa o acompanhamento do processo de abertura da Igreja para a realidade social da cidade do Rio de Janeiro e também para o esforço de superação de seu gueto étnico.

Os anos 50 e 60 do século passado foram marcados por um processo muito veloz de metropolização da cidade do Rio de Janeiro. O afluxo de contingentes populacionais, fruto de onda migratória interna, para a capital do Brasil (que depois se tornou capital do Estado do Rio) e a expansão da mancha urbana para os municípios limítrofes fizeram com que a Igreja se visse compelida a acompanhar esta dinâmica da cidade. Embora tivesse vários pontos de pregação espalhados pela cidade, a vida comunitária propriamente dita, girava em torno de um centro único, localizado no centro da cidade.

No início da década de 60 torna-se cada vez mais evidente a necessidade de uma descentralização da atividade pastoral da Comunidade Evangélica Luterana do Rio de Janeiro. O acompanhamento das famílias que residiam, ou começavam a ter o seu domicílio na zona sul da cidade, fez com que acontecessem cultos na Igreja Presbiteriana de Copacabana e reuniões de jovens na residência do Pastor Fritz Vath no Leblon. O referido pastor fundamentava este movimento, afirmando que: “A Igreja precisa estar de novo no centro da vida e não somente no centro da cidade.” e “Se as pessoas não vêm à Igreja, a Igreja tem a obrigação de ir até às pessoas.” “Uma outra liderança, o Dr. Rodolfo Doerzapff, que advogava um processo de abertura da igreja, assim se expressava: “... se a igreja deseja sobreviver na cidade grande, o altar deve ter rodas.”

O cenário dentro do qual se inscreve esta história tem a ver com o fato de que tomava corpo na Comunidade Evangélica Luterana do Rio de Janeiro uma tendência mais alinhada com a nova Igreja nacional. Essa tendência defendia o uso da língua portuguesa e procurava vir ao encontro de uma geração nascida no Brasil que não tinha mais vínculos tão estreitos com o exterior. Dr. Rodolfo Doerzapff ao apontar os novos rumos dizia: “A Reforma de Lutero já há alguns séculos não é mais exclusividade dos alemães e de seus descendentes.”

A consciência da necessidade de uma nova dinâmica pastoral estava conjugada também com a percepção de que não se poderia dar conta do testemunho evangélico sem, ao mesmo tempo, levar em consideração a realidade sócio-econômico-cultural da população empobrecida dos morros cariocas. A favelização dos morros e baixadas chamava a atenção de todos. Esta realidade foi levada em consideração quando da construção do templo em Ipanema. O Pastor Fritz Vath assim se expressava em 1965: “Sobre nós Deus coloca a responsabilidade pelo irmão e pela irmã. Onde desperta esta idéia da responsabilidade, ali o reino de Deus faz um passo para frente em nossa cidade. Aí não há desvio, mas isso significa ‘mãos à obra!’ Nisso sabemos que nosso serviço, seja comunitário ou social é serviço a Deus.” Na mesma direção argumentava o Dr. Rodolfo Doerzapff em 1967: “Sim, como Comunidade Evangélica Luterana nós precisamos olhar para além das diferenças de classe e de raça e ajudar ao nosso próximo, em especial, no Rio de Janeiro onde a miséria se apresenta de forma tão abundante.”



A construção do templo e do prédio de cinco andares para o centro comunitário e social foi possível graças ao apoio financeiro do Comitê Nacional Americano da Federação Luterana Mundial e da Central Evangélica de Ajuda para o Desenvolvimento. Trabalharam ativamente o engenheiro Dr.

Doebereiner e a Comissão de Obras foi dirigida pelos Srs. Eurico Leusin e Johannes Caesar. O lançamento da Pedra Fundamental ocorreu no dia 3 de abril de 1966 e a inauguração no dia 21 de junho de 1970.

Como primeiro coordenador dos trabalhos do Centro Social a Comunidade Evangélica Luterana do Rio de Janeiro chamou o Pastor Gustavo Adolfo Schünemann.

Em sua pregação de apresentação o referido Pastor afirmou: “A nossa Igreja (...) é chamada também a dar a estas populações o que tem de mais precioso: a pregação do Evangelho. Mas não pode fazê-lo só com os lábios, deve ao mesmo tempo, fazê-lo com as mãos. Não pode ficar na teoria, tem que ir também à prática. Não pode pregar, prometer dias melhores para o futuro, tem que oferecer soluções no presente. Precisa levantar sinais de solidariedade humana! Somos, pois, como cristãos, chamados a dar a nossa contribuição e cada um de nós dentro de suas possibilidades, dando o seu tesouro e tempo oferecendo os seus dons em favor dos necessitados. Além do trabalho espiritual, que como Igreja Cristã sempre devemos oferecer aos nossos próximos, devemos também oferecer um trabalho social(...). Neste serviço e nesta assistência espiritual e social, no âmbito da comunidade ou em cooperação de várias comunidades, como igreja institucionalizada, reclama-se de nós contribuições materiais. Será campo onde podemos fazer uso correto de nossos bens,

empregando-os para o bem físico e espiritual dos nossos próximos. Devemos fazê-lo também em cooperação com outras entidades assistenciais, igrejas, governo.”

Durante o período de sua atuação o Pastor Gustavo Schünemann procurou sensibilizar os membros da comunidade para o trabalho. Reuniu em torno de si uma equipe de médicos e educadores que desenvolveram um trabalho nas áreas de alimentação e saúde. Realizavam-se palestras sobre nutrição e higiene, cursos de culinária e corte e costura para mulheres, datilografia e aconselhamento de mães e jovens. As crianças das favelas foram envolvidas para canto, brincadeiras e trabalhos manuais. À noite aconteciam cursos de alfabetização para adultos (cerca de 200 alunos) e o coordenador do Centro Social foi inclusive responsável pela Comissão de Divulgação do MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) na VI Região Administrativa da Gávea. A equipe era formada pelas seguintes pessoas voluntárias: Christa Noethlich Pimentel, Beate Schünemann, Dr. Hans Joachim Wolff, Lígia Diesel, Gertrude Lange, Natalie Dunker e jovens da comunidade. Anos depois foi contratado o Diácono Sadi Moreira.

A vida celebrativa acontecia majoritariamente em língua portuguesa e contava com a presença marcante de jovens. O trabalho pastoral procurava dar conta de um desafio já presente na cultura e mentalidade da sociedade dos anos 70, qual seja, vencer o individualismo mediante a oferta de espaços de comunhão. Neste período o ponto forte de Ipanema foi o trabalho com jovens. Eles debatiam temas cativantes e relevantes, se envolviam no trabalho social e realizaram várias viagens artísticas (Brasília, São Paulo, Foz do Iguaçu, Brusque) além de participarem da I Olimpíada Nacional da Juventude Evangélica em Rio do Sul em 1972.

A presença na vida ecumênica se fez sentir com a participação no Conselho Ecumênico do Rio de Janeiro. Além disso, Ipanema contou também com o trabalho da primeira formanda da Faculdade de Teologia de São Leopoldo/RS. Elisabeth Dietschi Moltmann atuou no Rio de Janeiro entre 1973-1974, desenvolvendo, entre outras atividades, um trabalho no Morro do Cantagalo.

Todo o trabalho da Comunidade Evangélica Luterana do Rio de Janeiro era coordenado pela diretoria e equipe pastoral. Entre os pastores, chamados e nomeados pela diretoria, havia uma divisão de tarefas segundo ênfases e áreas geográficas. Por isso tornam-se inseparáveis as histórias do Centro Social Bom Samaritano, a história da atual Paróquia Bom Samaritano e a história da Comunidade Evangélica Luterana do Rio de Janeiro. O Pastor Gustavo Schünemann deixou os trabalhos no início de 1977 e foi substituído em 1978 pelo Pastor Richard Engelbrecht. A sua permanência foi muito breve em virtude das tensões existentes. Concepções pastorais e visões de igreja muito diferentes dificultaram os trabalhos. Em 1977, a partir de uma reforma estatutária, a Comunidade Evangélica Luterana do Rio de Janeiro assumiu uma nova estrutura, conhecida como União Paroquial.

Decisivo para a implantação e consolidação desta nova estrutura da Comunidade Evangélica Luterana do Rio de Janeiro foi a presença do Pastor Karl Gerhard Braun a partir de 1980. Com formação teológica no



Brasil e profundamente identificado com a estrutura da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, após larga experiência em paróquias no sul do Brasil, onde atuou inclusive como Pastor Distrital e Vice-Pastor Regional, Pastor Gerhard Braun colocou como condição para a sua atuação no Rio a delimitação das áreas geográficas das paróquias Centro e Ipanema. Sua investidura teve amplo apoio da direção nacional. Era chegada a hora de serenar os ânimos acesos pela falta de articulação entre as diversas áreas e setores da Comunidade Evangélica Luterana no Rio de Janeiro. Graças ao seu dinamismo e com forte apoio do Sr. Hermann Evelbauer Pastor Karl G. Braun conseguiu completar a inserção definitiva da Comunidade na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

No período de sua atuação o trabalho na Zona Sul da cidade recebeu grandes impulsos. Floresceram os trabalhos com crianças, jovens, mulheres e casais. Novos pontos de pregação foram criados na Barra da Tijuca (Union Church), em Nova Iguaçu/RJ e Resende/RJ. A partir de uma visitação intensa e acompanhamento direto dos membros a Paróquia cresceu e dobrou o seu número de membros. O acolhimento e a recepção de novos membros por meio de profissão de fé foi intenso. Os contatos e as relações ecumênicas foram retomadas na esfera mais institucional. Estes contatos e aproximações possibilitaram o ingresso no quadro de obreiros da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil do Pastor Mozart João Noronha de Melo em 1987.

No ano de 1979 foi fundada a creche Bom Samaritano no espaço do Centro Social. Isso foi possível a partir do empenho e da dedicação da Sra. Renate Mannshardt. A Comunidade Evangélica Luterana do Rio de Janeiro assinou um convênio com a Legião Brasileira de Assistência para a instalação de uma creche Casulo. As instalações do Centro Social foram adaptadas e o caráter do trabalho começou a se concentrar no acompanhamento de crianças e famílias das favelas do Cantagalo, Pavão e Pavãozinho.

Nos anos 80 várias assistentes sociais e comunitárias foram contratadas e um Conselho procurava dar a direção política do trabalho. O pastor da Paróquia Bom Samaritano de Ipanema fazia a ponte entre o trabalho diaconal e a Diretoria da Comunidade Evangélica Luterana do Rio de Janeiro à qual a creche estava subordinada. A sustentação financeira acontecia a partir de um círculo de amigos na Alemanha e de convênios e apadrinhamentos locais.

O aspecto educacional mereceu atenção especial a partir de um intercâmbio maior com outras entidades congêneres e um trânsito constante com os órgãos públicos da cidade do Rio de Janeiro. Procurou-se superar a imagem de creche como depósito de crianças. Investiu-se numa equipe multidisciplinar que proporcione às crianças um desenvolvimento integral e possibilite uma estrutura emocional que a capacite para uma melhor integração na escola.

Para qualificar e ampliar o atendimento de crianças a Comunidade Evangélica Luterana do Rio de Janeiro adquiriu duas residências localizadas aos fundos do Centro Social. A sua adaptação e integração permitiu a duplicação do número de crianças da Creche Bom Samaritano.

Com a morte repentina do P. Gerhard Braun em 1991, a paróquia foi atendida provisoriamente pelo P. Mozart João de Noronha Melo, pastor cedido pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil para a Igreja Cristã de Ipanema. Neste mesmo ano incorporou-se à Paróquia um grupo significativo de membros desta igreja. Este grupo também foi pastoreado pelo P. Mozart João de Noronha Melo. Algum tempo depois o referido

pastor foi eleito como pastor da Paróquia e anos mais tarde exerceu, juntamente com a atividade pastoral local, também as funções de Pastor Distrital do Distrito Eclesiástico Rio de Janeiro e de Vice-Pastor Sinodal do Sínodo Sudeste. A assimilação e integração desses novos membros de tradição reformada aconteceu de forma gradativa e hoje o espaço de celebração fica aquém das necessidades.

A presença e participação na vida pública e ecumênica por parte da Paróquia Bom Samaritano deram visibilidade ao trabalho da Comunidade Evangélica Luterana do Rio de Janeiro não só na zona sul como também em toda a cidade. A estreita relação com a população dos morros Cantagalo, Pavão e Pavãozinho bem como a sensibilidade e a abertura para questões relativas à promoção da cidadania levaram a um enorme reconhecimento e uma grande credibilidade nestas três décadas de atuação.

Ao longo dos anos a Creche foi coordenada, entre outras pessoas, pela Diácona Lorita Krüger, a pedagoga Silvia de Oliveira Schünemann e a Diácona Vilma Petsch, sempre dentro de um espírito de ministério compartilhado.



O testemunho da Comunidade Evangélica Luterana do Rio de Janeiro por meio da atuação da Paróquia e Creche Bom Samaritano é motivo de muita alegria e gratidão. Milhares de pessoas receberam alimento espiritual, experimentaram comunhão e partilha, tiveram apoio solidário em suas dificuldades e consolo em seus momentos de dor e de crise. O trabalho sensibilizou dezenas de pessoas ao longo dos anos. Despertou e aprimorou lideranças e prestou um serviço significativo à população. Sinalizou positivamente para a impossibilidade de separar fé e vida, fé e sociedade, fé e cidade, fé e cidadania.

Rolf Schünemann

Pastor da IECLB, Doutor em Teologia, foi Pastor Sinodal do Sínodo Sudeste

Desafios da Igreja na Cidade

“Orai pela paz de Jerusalém” - Salmo 122.10

A cidade é um ser complexo - e não faz falta, para os objetivos desta reflexão, relacionar os elementos que constituem o emaranhado social, político e cultural que desenha a vida urbana e influencia o nosso dia a dia. Trata-se de um quadro sem retorno, no sentido de que as cidades crescem e acumulam uma população que não mais cabe nos seus limites. A cada ano 81 milhões de pessoas se urbanizam no mundo; no Brasil, cuja população urbana ultrapassa os 80% dos seus habitantes, temos 14 cidades com mais de um milhão de seres humanos. As favelas, cerca de 800 só nesta cidade do Rio de Janeiro, crescem seis vezes mais que o asfalto. Nesse cenário de vida e morte circulamos diariamente, ora fascinados, não poucas vezes com medo e ódio.

O que significam estes poucos dados alucinantes para a Igreja Luterana no Brasil, de origem predominantemente rural, com os seus 180 anos de fundação no Rio de Janeiro?

O desafio não é apenas individual, familiar, vítimas em potencial que somos das tragédias urbanas. O desafio atinge em cheio as igrejas, sem repostas e em geral vazias de ações adequadas para o enfrentamento dessa realidade; e ainda afeta a política governamental que tenta atuar com a criação do Ministério das Cidades. Claro, não temos condições técnicas e estruturais para mudar a dinâmica desse movimento incessante - nem seria o nosso papel como igreja. Temos, é certo, uma concepção cristã da vida e da sociedade que pode ajudar-nos a encarar o fenômeno humano inserido na complexidade urbana. Aí está nossa possível contribuição, sem desprezarmos os estudos e debates que cientistas sociais e teólogos têm feito sobre o tema - um desafio também para eles e todos quantos tomam em conta a urgência de uma transformação radical nas condições atuais da vida humana. As cidades, concentrando a busca incessante por novas oportunidades de vida, representam um novo lugar sociológico para uma atualização dos tradicionais conceitos de missão da igreja.

O que significa estarmos em Ipanema, por exemplo? Qual seria a contribuição de uma simples paróquia para a aguda e crescente problemática da vida urbana? O tema tem sido debatido em muitas ocasiões, mas parece cada vez mais difícil encontrar um caminho coerente a partir do lugar um tanto tímido que ocupamos na cidade. Retomo algumas sugestões já discutidas em outras oportunidades, reconhecendo que não é tão fácil estabelecer novas formas de relação entre igreja e sociedade, fé e cultura, cuja dinâmica urbana e cotidianidade destoam imensamente de nossos escassos encontros dominicais. (As “igrejas do dia a dia”, de formato neopentecostal, não se preocupam com mudanças estruturais no todo social.)

Vejam se é viável um caminho a começar do que somos e temos. Ao lado de debates regulares com cientistas sociais (e livros e artigos dedicados a análises do problema urbano), devemos enfatizar o trabalho interno da igreja, ou seja, o que poderia ser feito para uma participação maior nessa extensa rede de complexidade. Aqui me limito a lembrar o que o teólogo Harvey Cox proclama como uma igreja mais integrada no mundo, justamente a igreja local como símbolo do que é novo, do que virá, da utopia de uma “comunidade experimental”. (Utopia, a ilha de um povo sábio, poderoso e feliz.) A igreja, sociologicamente, é uma instituição comum, mas cuja diferença de outras organizações humanas está no fato (eclesiológico) de não existir para ela mesma, “mas para estabelecer um nexo dentre dois mundos” - a sua própria existência e os fatos e circunstâncias que a rodeiam e tantas vezes impedem que ela seja “a igreja”.

Como, no entanto, caberia a novidade na atual estrutura dos cultos e das formas relativamente rígidas de nosso ritual eclesialístico? Já tivemos experiências locais desse tipo, que se tornaram mais problemáticas com os riscos (urbanos) de encontros vespertinos. Teríamos que usar a imaginação e a criatividade para descobrir, nos espaços existentes, dentro da programação atual, a maneira de incorporar problemas da cidade na própria estrutura dos cultos. A semana secular não deveria constituir-se numa motivação para o culto, para a liturgia e a pregação --, sem com isto quebrar os rituais estabelecidos, seja através de um calendário próprio ou como parte de um culto regular? Talvez começar com pequenas “doses”, isto é, referências a algum evento da semana, no nosso bairro, nossa rua, nas favelas que nos cercam. Poderá haver imensa riqueza nessa troca material

e espiritual, ao tocarmos não somente nas tragédias mas também nas belezas e riquezas da realidade urbana. Isto poderia significar uma entrada no tempo da cidade e na vida espiritual de cada um - e não precisaria ocupar mais do que alguns minutos de reflexão e de súplica. “Orai pela paz de Jerusalém” -- recomenda o salmista. A cidade era e continua a ser uma importante capital, no tempo de Jesus com cerca de 50 mil habitantes, número que triplicava por ocasião das festas religiosas; símbolo também da concentração de todos os conflitos humanos. (A Bíblia começa com um jardim e termina com uma cidade. E referências a cidades estão presentes em 21 dos seus 66 livros.)

Seria um começo, mais uma abertura para se criar uma consciência social e maior responsabilidade e testemunho cristão perante o mundo secular. Somente isto? Ou é muito? Só a experiência, devidamente avaliada, poderá mostrar o significado pessoal e comunitário de um novo compromisso, de uma relação que transcenda os nossos limites tradicionais - e vislumbrar a porta entreaberta para uma igreja mais integrada na conjuntura social e cultural desta nossa cidade do Rio de Janeiro.

No século 17, John Wesley, fundador do metodismo, já cultivava uma visão global da tarefa da igreja, quando anunciou “Minha paróquia é o mundo”. Que possamos dizer: Minha paróquia é Ipanema, é a cidade.

*Waldo César Presbítero
Paróquia Bom Samaritano, Sociólogo,
Professor e Escritor.*

Centro Social e Creche Bom Samaritano

“Educai as crianças e não será preciso castigar os homens”

Pitágoras

O “Centro Social e Creche Bom Samaritano”, fundado sob inspiração dos projetos e trabalhos sociais da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e sob os auspícios da Comunidade Evangélica Luterana do Rio de Janeiro, em trinta e um de agosto de um mil novecentos e setenta e nove. Por orientação da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e do Sínodo Sudeste, constituiu-se em quinze de fevereiro de dois mil e seis, como uma Associação Civil de Fins Não Econômicos, denominada “Centro Social E Creche Bom Samaritano”, Conforme publicação no Diário Oficial do município do Rio de Janeiro no dia 10 de abril de 2006. Sendo membros fundadores Sr^a. Norma Mundstock,



Pastor Mozart João de Noronha Melo, Diácona Vilma Petsch, Sr. Waldo Aranha Lenz César, Sr^a. Gudrun Braun, Sr^a. Margot Jenny Wolf, Sr. Hans Joachim Wolf, Sr. Almiro Wilbert, Sr^a. Odila Wilbert, Sr. Ingbert Kunert, Sr^a. Rosana Kunert, Sr^a. Maria Alice Ibanez Duarte, Pastora Margareth Ema Engelbrecht, Sr. Dawidson de Farias, Sr. Reinhard Braun e Sr^a

Tânia Maria Venceslau Cordeiro Braun.

Na mesma data foi eleita a primeira diretoria e o Conselho Fiscal da Instituição, para um mandato de dois anos. A diretoria ficou composta pelas seguintes pessoas, Presidente: Sr^a. Norma Mundstock, Vice-presidente: Sr. Almiro Wilbert, 1^o. Tesoureiro: Sr. Dawidson de Souza Farias, 2^o. Tesoureira: Sr^a. Rosana Kunert, 1^o. Secretária: Sr^a. Gudrun Braun, 2^o. Secretária, Tânia Maria Venceslau Cordeiro Braun. Compõem o Conselho Fiscal, Pastora Margareth Ema Engelbrecht, Sr^a. Margot Jenny Wolf e Sr^a. Maria Alice Ibanez. A Diácona Vilma Petsch foi indicada como Secretária Executiva e o Pastor Mozart João de Noronha Melo, Orientador Espiritual do Centro Social.



A maioria destas crianças é de filhos de empregadas domésticas, faxineiras, vendedores ambulantes, recicladores de lixo, pedreiros, atendentes em botequins, padarias e outras atividades do setor informal. Uma pequena parcela tem pais que exercem atividades um pouco mais qualificadas e melhor remuneradas como balconistas, estoquistas e porteiros. Vivem em moradias toscas, barracos de um dois ou três cômodos, com fornecimento de água precário, sem saneamento básico, freqüentemente compartilhados com avós, tios e primos. Grande parte de sua parca renda é utilizada no pagamento de aluguel.

A maioria destas famílias é composta de migrantes que vieram buscar na cidade do Rio de Janeiro uma oportunidade de melhoria de vida. Não são poucas as famílias que ainda enviam ajuda financeira para parentes pobres que permanecem no nordeste, como avós idosos, irmãos doentes, ou filhos.

É para as crianças e suas famílias provenientes deste contexto social, sobreviventes nesta dura realidade, que nosso trabalho está voltado. Para esta população empobrecida, os cuidados proporcionados pela Creche Bom Samaritano são sinais e portas para uma vida mais digna. É com o objetivo de transformar estas crianças desfavorecidas em cidadãos e cidadãs que procuramos proporcionar-lhes aquilo que toda criança deveria ter por direito.

No cumprimento da nossa proposta político-pedagógica procuramos oferecer a estas crianças atendimento de segunda-feira à sexta-feira, das oito às dezessete horas. São quatro grupos de crianças, que se dividem, no espaço da creche, de acordo com a faixa etária. No seu dia a dia, para alcançar suas metas, a Creche segue a seguinte programação:

Educação: Um programa de educação infantil que visa, colocar as crianças em contato com situações e oportunidades que lhe permitam descobrir, de forma criativa, o mundo em que vivem, inclusive sendo preparadas para a alfabetização e o ingresso na primeira série do ensino fundamental.

Nutrição: Quatro refeições diárias com cardápio elaborado por uma nutricionista.

Saúde: Assistência médica efetuada pela pediatra que atua no plano preventivo e edu-

cativo, controle de peso, vacinação, verminoses e, em casos de necessidades especiais, faz os devidos encaminhamentos para hospitais públicos. Assistência odontológica com aplicações sistemáticas de flúor e regular atendimento na prevenção e controle de cáries .

Orientação familiar: Atendimento e orientação aos familiares para que tenham uma participação permanente em nosso projeto pedagógico e comunitário oferecendo-lhes apoio em casos de violência doméstica, direitos do consumidor, direitos trabalhistas, alimentação saudável, noções de higiene, prevenção de desnutrição, doenças sexualmente transmissíveis e preservação do meio ambiente .

No final de cada ano vinte e cinco destas crianças deixam a Creche deixando e levando saudades para ingressarem no primeiro ano do ensino básico. Iniciamos, em seguida, o difícil e doloroso processo para selecionar outras vinte e cinco crianças novas. Uma média de cem crianças são inscritas. Tornando-se necessário um criterioso processo de seleção para o preenchimento das vagas. Os critérios de seleção fundamentam-se na priorização dos mais pobres e dos mais necessitados. Na realidade todas as pessoas que procuram a Creche precisam de atendimento. Mas, lamentavelmente, não podemos atender a todas. Nossos espaços são limitados e nossas possibilidades não permitem, por enquanto, acolher mais de cem crianças.

Para o funcionamento deste trabalho contamos com uma equipe de dezessete funcionárias, uma diretora, uma pediatra, uma dentista , uma nutricionista, uma assistente administrativa, quatro professoras formadas, três auxiliares , uma ajudante de serviços gerais, duas faxineiras, duas cozinheiras e com o trabalho voluntário do pastor da Paróquia Bom Samaritano.



Como todas as instituições que se dedicam a atividades como esta vivemos com dificuldades . O custo de manutenção de cada criança, na creche, é de, aproximadamente, R\$ 300,00 (trezentos reais) mensais. Para suprir estas despesas contamos com o apoio efetivo, direto e indireto, de instituições e de amigos no Brasil e no exterior. A estas pessoas agradecemos a generosidade e o espírito de solidariedade em prol dos menos favorecidos da nossa sociedade, especialmente das crianças.

Vilma Petsch



PARÓQUIA ESPERANÇA

*Quem morava em Niterói,
fora da cidade do Rio de Janeiro,
Buscava Culto, buscava sacramento
Na igreja “no Centro”.*

*Foi então que, de jeito desafiador
Foram pedir ao Pastor
Que atendesse, em Niterói,
Crianças, de famílias luteranas.*

*O Pastor desanimado
Por tantas outras empreitadas
Prometeu vir uma primeira vez,
Mas outra só viria, se fossem mais de 10.*

*Susto comunitário:
Tanto das pessoas que pediram
Tanto do pastor que viera:
Mais de 50 crianças só pra início dos trabalhos...*

A Paróquia em Niterói começou assim mesmo: algumas famílias se reuniram e pediram que houvesse atendimento catequético às suas crianças: Culto Infantil, Ensino Confirmatório. Assim começaram encontros em casas de família. Em janeiro de 1954, há

uma notícia no Boletim da Comunidade Evangélica do Rio de Janeiro: na celebração de Advento de 1953, mais de 200 pessoas se reuniram, sendo cerca de 100 crianças. O Pastor Graeter fizera a meditação, hinos foram entoados e um conjunto de flautas tocou peças de Händel: foi uma festa de Advento na casa da família Willner.

Dali em diante, a Paróquia começa a se estruturar. Em abril de 1954 aconteceu uma Assembléia Geral Extraordinária, no Rio, 50 pessoas votaram pela compra de um imóvel, no Morro Santa Tereza em Niterói, com 49 assinaturas a favor e uma abstenção. A maioria das reuniões era na casa da família Hoeft.

Os Cultos estavam sendo realizados na Igreja Presbiteriana. As reuniões, Estudos Bíblicos, Culto Infantil, Ensino Confirmatório começaram a ser realizados na propriedade adquirida. A propriedade era uma casa antiga, de 1902, que podia abrigar tanto lugar para reuniões como lugar para “Casa Pastoral”. O grupo de Niterói participava ainda das comemorações no Rio. Naquele ano de 1954, por exemplo, Ruth Janzen, de Niterói, organizara um concerto no Dia da Reforma. Notícias sobre a travessia do Rio para Niterói com a barca, e com a condução feita com “trolley-bus” até Icaraí, eram partilhadas para que mais pessoas se sentissem convidadas a vir celebrar com a Comunidade que se organizava.

A organização de grupo de Juventude Evangélica e da OASE foram conseqüências naturais. Já em 1955 há notícias sobre o grupo de Jovens que tinha suas atividades em muitas “tardes familiares”, contando sempre com muita música e com iniciativas de atividades que extrapolavam os “muros” da comunidade. Também neste ano, a OASE se responsabilizaria pela organização do “Bazar de Natal”.

O grupo que era para ser de poucas crianças trouxera alegria ao mostrar que poderia ser o início de uma comunidade. O grupo de jovens, que começara com 6 pessoas, no ano de 1956 reunira 20 pessoas, obrigando a uma divisão por idade, já que havia acentuadas diferenças. Havia programações em português e em alemão, algo inovador e bastante diferente para a Comunidade Luterana.

Uma iniciativa de “coral de trombones” extrapolara o número de instrumentos disponíveis, o que obrigava a busca por recursos para a aquisição de mais trombones. O primeiro Culto de Confirmação teve a presença deste Coral de Trombones, e ali foram confirmados Walter Müller e Brita Stiemert, pelo Pastor Roemisch, em 25 de maio de 1958.

Em 1960, há o início das obras do Salão Comunitário, ao lado da casa pastoral. O projeto dá conta de um salão de 150m²,

EINWEIHUNG
des
Gemeindesaales in Niterói



Am Mittwoch den 15. November ds. Js., begehen wir den grossen Tag der Einweihung unseres neuen Gemeindesaales in Niterói mit einem Gottesdienst um 10 Uhr im alten Gemeindesaal. 11 Uhr Einzug in den neuen Saal mit Festreden. 12 Uhr Mittagessen fuer Alle. Churrasco, Wuerstchen, Kartoffelsalat, Getraenke usw. — Am Nachmittag fuer die Kinder Kasperletheater.

Die Frauenhilfe laedt zu ihrem alljaehrlichen Bazar und Kaffee mit Kuchen ein.

Wir freuen uns auf Ihr Kommen!

Fahrtmoeglichkeiten: Ab Barcas Trolleybus 6 oder 7 bis Ecke Rua Gavião Peixoto u. Rua 7 de Setembro oder Trolleybus 4 und 9 bis Canto do Rio. Von da ab jeweils 8-10 Minuten Anstieg bis zum Gemeindesaal auf dem Morro Sta. Teresa, Alameda Alcides, 102.

Wir nehmen auch gern Spenden fuer den Bazar oder Kuchen am Tag selbst entgegen.

Este foi o anúncio da inauguração do “Salão Comunitário em Niterói”.

contando com instalações sanitárias de 50m². A comunidade inteira se mobiliza para isso. Ainda assim, a participação do grupo de jovens sempre foi além do esperado: em 1961, Margot Buchheister e Elisabeth Koebig participam do “1º Encontro Nacional de Universitários Evangélicos de Confissão Luterana” em Porto Alegre. E também em 1961, houve um “Acampamento de Trabalho” realizado em Niterói, pela JE: ali o grupo trabalhou na reforma da casa de uma senhora idosa, sem recursos, num final de semana.

Aconteceu em 15 de novembro de 1961. O pastor Bohnenkamp fez a pregação, sobre Efésios 2.14, ainda no salão da Casa Pastoral. Diante do salão, houve saudações do sr. Benno Kersten, da Federação Sinodal, e do Pastor J.E. Schlupp, em nome da Comunidade de Nova Friburgo. A fita vermelha foi cortada pelo sr. Leusin.

No dia da inauguração, a sra. Soares recitou, de forma bem humorada, em versos, a história da Comunidade em Niterói. Até hoje as pessoas lembram com carinho, o cuidado da construção, o cuidado com as pessoas, e com o crescimento da Comunidade. Isso transparece neste jeito de relatar a vida da comunidade: em verso... em poesia. O poema foi traduzido, mostrando o quanto a Comunidade tinha o cuidado com as culturas diferentes, que se aproximavam da confessionalidade luterana e não deveriam titubear com uma igreja “alemã”.

O Salão da Comunidade foi sempre bastante utilizado. Projetado pelo arquiteto Paulo Quevedo, as paredes são de concreto, uma parte em madeira, e outras em vidro, em janelas que se abrem para um jardim interno, e para o pátio que há entre o salão e a Casa Pastoral.

O grupo de Juventude Evangélica foi se modificando. Até hoje a Comunidade conta com pessoas engajadas que estiveram na-



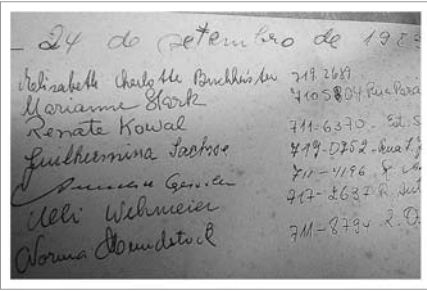
quele primeiro grupo de jovens. Depois de um tempo de menor participação, é no final da década de 70, que, mais uma vez, se forma um grupo engajado em música, teatro, reuniões, excursões. Foi este grupo que assumiu atividades na Paróquia, quando a Comunidade atravessou um período sem atendimento pastoral, por quase dois anos (de 1979 a 1981).

A Comunidade em Niterói sempre trabalhara como “braço” da Comunidade Luterana do Rio de Janeiro. Como tal, assim como foi ajudada na década de 50 e 60, empenhou-se em ajudar o trabalho social que surgiu em Ipanema na década de 70. Ainda hoje as pessoas da Paróquia Esperança se referem, com carinho, à “nossa” Creche, mesmo sendo em outro município, mesmo sendo trabalho em outra “Paróquia”.

Também houve uma participação intensa em eventos e promoções que sustentaram o início do trabalho missionário que surgiu na “Ilha do Governador” na década de 80, e que hoje caminha como “Paróquia Norte”.

Só então, na década de 80, tendo em vista os trabalhos das outras Paróquias ligadas a CELURJ, é que houve a escolha do nome “Paróquia Esperança”.

Destacou-se a partir de 1983, um novo grupo na Paróquia Esperança. O “Grupo da Ação Social” se reuniu para buscar recursos para obras caritativas, no sentido de, mais



assumiu esta atividade. Lá havia uma sala, cedida pela Prefeitura, para reuniões da comunidade. Mais tarde, o grupo começou a se reunir em casas. Com isso, o pequeno grupo se viu com algumas dificuldades: ora com o transporte, ora com o acesso, ora com a organização do lugar para o Culto. A partir de 2006, tem se reunido nas dependências de uma casa de repouso, que possui uma pequena capela, e que coloca à disposição para Cultos e Celebrações.



Saída do Culto na "Capela do Residencial da Terceira Idade", rua Tenente Luis Meirelles, 2958 - Jardim Meudom, em Teresópolis.



Grupo da Comunidade Norte-Fluminense reunido para celebração da Páscoa, em Barra de São João, na residência da sra. Dzidra Adamsons.

uma vez, sair dos muros da vida da igreja, ajudando a princípio e de maneira especial a "Creche de Ipanema", mas também em número diverso de grupos e entidades em Niterói e cidades próximas. A sra. Norma Mundstock, fundadora do grupo, e membro da Paróquia Esperança, é hoje presidente do "Centro Social e Creche Bom Samaritano".

A CELURJ fazia um trabalho de atendimento a Teresópolis. A Paróquia Esperança assumiu esta atividade. Lá havia uma sala, cedida pela Prefeitura, para reuniões da comunidade. Mais tarde, o grupo começou a se reunir em casas. Com isso, o pequeno grupo se viu com algumas dificuldades: ora com o transporte, ora com o acesso, ora com a organização do lugar para o Culto. A partir de 2006, tem se reunido nas dependências de uma casa de repouso, que possui uma pequena capela, e que coloca à disposição para Cultos e Celebrações. O lugar é de fácil acesso, e, embora pequeno, facilita a chegada de pessoas "não-conhecidas" ao Culto luterano.

Na década de 90, a Paróquia Esperança assume o atendimento numa região de forte desenvolvimento. Iniciam-se os trabalhos na Comunidade Norte-Fluminense. Há perspectivas de atendimento a pessoas que são vinculadas a trabalhos ligados à plataforma da Petrobrás, em Macaé, que vêm de diversos lugares do Brasil. A missão aqui é muito mais entendida como acolhimento, como re-união de quem, longe de sua terra natal, pode se re-conhecer como "de confissão luterana". Ali também não há ainda espaço próprio. No ano de 2006, foi adquirido um terreno na cidade de Rio das Ostras, para que a comunidade possa ser identificada, e, assim, receber, acolher pessoas diferentes, de lugares diferentes, de culturas diferentes. É um grande desafio, assumido por poucas pessoas, que têm a certeza de que a tarefa de viver comunidade é tarefa inspirada por Deus.

A Comunidade em Niterói foi atendida pelos seguintes obreiros:

■ Diácono Manfred Kühn Março de 1956 a 1957	■ P. Wendelino Heim 1981 a fevereiro de 1986
■ Pastor Roemisch Fevereiro de 1958 a Fevereiro de 1959	■ P. Omar Kaste junho de 1986 a janeiro de 1991
■ Pastor Rüdiger Bohnenkamp Março de 1959 a junho de 1963	■ P. Haroldo Reimer e Pa. Ivoni Richter Reimer junho 1991 a fevereiro de 2000
■ Pastor Rudolf Richwin Julho de 1963 a setembro de 1974	■ P. Guilherme Th. Fredrich agosto de 2000 a dezembro de 2004
■ Pastor Dorival Ristoff 1976 a fevereiro de 1979	■ Pa. Margarete E. Engelbrecht março de 2005

Muitas iniciativas de trabalhos aconteceram na Paróquia Esperança. Desde trabalhos populares, iniciando a construção de um espaço social e celebrativo no “Badú”, atendendo a pessoas fora da igreja, até o funcionamento de uma rádio via internet - Luteranos-Brasil - que marcou lugar no mundo ecumênico e em todo o Brasil. Infelizmente, estes trabalhos não mais acontecem, mas deixam a certeza de que há muito a fazer, há muito a partilhar e proclamar.

A mobilização das pessoas membros em Niterói tornou significativa a história de Ulrike Gertrud Gefa Wehmeier, que assumiu vários cargos na Paróquia Esperança, na Comunidade Evangélica Luterana do Rio de Janeiro e também sendo representante da Paróquia no então Distrito Eclesiástico Rio de Janeiro e fazendo parte do Conselho Diretor da IECLB de 1986 a 1990.

MEMBROS ELEITOS À PRESIDÊNCIA DO PRESBITÉRIO DA PARÓQUIA ESPERANÇA

- 29.03.1990: Ulrike Gertrud Gefa Wehmeier
- 14.03.1993: Ulrike Gertrud Gefa Wehmeier
- 13.03.1994: Jürgen Will
- 03.03.1996: Horácio Orlandim
- 15.03.1998: Horácio Orlandim
- 12.03.2000: Ulrike Gertrud Gefa Wehmeier
- 10.03.2002: Ulrike Gertrud Gefa Wehmeier
- 14.03.2004: Maurício Grille Martini
- 12.03.2006: Werner Mohrstedt



Ainda no pátio da Casa Pastoral foi construída na década de 90 um pequeno alojamento para abrigar hóspedes temporários: desde estudantes que fizeram estágio ou realizaram o Período Prático de Habilitação ao Ministério Ordenado até pessoas que participam de reuniões diversas e precisam de lugar para pernoite.

Os livros que contêm atas de Assembléias de anos anteriores encontram-se ainda sob a guarda da CELURJ, na Paróquia Martin Luther. Assim, lembramos com carinho de famílias que sempre se colocaram à disposição para assumir trabalhos em Niterói.

A placa com o logotipo da IECLB, com o nome “Comunidade Evangélica Luterana”, “Paróquia Esperança” traz o desafio assumido há mais de 50 anos: tornar-se visível, ter identidade reconhecida num mundo tão cheio de expectativas frustradas e de receitas eclesíásticas prontas.



Houve desafios, houve mudanças... mas há espaço e há muito a ser partilhado. O quadro de avisos, abaixo da placa, informa das atividades que vão acontecendo, que vão fazendo parte da vida da Comunidade Luterana. A vida na Comunidade não pára. Ainda mais quando se vive de... ESPERANÇA...

A maioria das informações contidas neste relato, está baseada em anotações de Ulrike Wehmeier.



THE FEDES: Karl, Elise, Mark, Miriam, Kathy
Heidi, Lola, Robert, and Rachel

DA MISSÃO SUBURBANA À PARÓQUIA NORTE

Breve história da presença luterana na região norte da cidade do Rio de Janeiro

N Introdução

No início dos anos 70, um grupo de pessoas, em sua maioria membros da Paróquia Martin Luther, residentes na região norte da cidade do Rio de Janeiro, uniram-se para celebrar ali mesmo onde moravam. Assim nascia a Paróquia Missão Suburbana. No início, os grupos nascentes receberam o auxílio do Pastor Kräutlein, da Paróquia Martin Luther, até que, em 12 de agosto de 1973, o Pastor Robert H. Fedde foi instalado como primeiro pastor regular da Missão Suburbana. Os primeiros cultos na nova área missionária foram celebrados na Ilha do Governador, no dia 19/08, Vila Valqueire, 14/09, na cidade do Rio de Janeiro, e em outros municípios do Estado do Rio de Janeiro, como Jardim Primavera (Duque de Caxias), em 02/09; no templo da Igreja Presbiteriana (Nilópolis), em 30/09; e em Resende, em 26/10.

A Paróquia Missão Suburbana, ligada à União Paroquial do Rio de Janeiro, abrangia os bairros Ilha do Governador, Jardim Primavera, Vila Valqueire, Penha, Brás de Pina, Nilópolis e Estação do Rocha. Durante mais de 10 anos os cultos, estudos bíblicos, reuniões da Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas (OASE), Grupo Estudar, Compartilhar e Orar (ECO), Juventude Evangélica (JE), Escola Dominical (ED) e outros, foram realizados nas casas de famílias de membros e em locais cedidos ou alugados para tanto. O sonho da aquisição de local próprio embalou e uniu os núcleos, até que em 24 de junho de 1984, com a presença do Pastor Distrital Werner Brunken, a pedra fundamental do primeiro templo da Missão Suburbana foi lançada, na Ilha do Governador, à Rua Sobragi, nº 88.

Passados 23 anos do lançamento da primeira pedra fundamental, e após muitos desafios, a Paróquia Norte, hoje formada por duas comunidades - Bom Pastor, na Ilha do Governador, e Castelo Forte, em Jacarepaguá - e um ponto de pregação - Bom Mestre, em

Brás de Pina - segue celebrando e convidando a celebrar ao Senhor nosso Deus.

A história destes núcleos, pois assim se denominavam inicialmente, desenvolveu-se unida, como família de Cristo congregada em celebração, e também separadamente, conforme as peculiaridades de cada grupo e local. Por isso faz-se necessário apresentar, em rápidos traços, essa caminhada, tanto conjunta quanto individual.

Comunidade Bom Mestre

A Ata que inaugurou o livro de registros da Paróquia, iniciado em 13 de março de 1983, registrou entre os progressos do ano de 1982: elegemos três conselhos, um em cada comunidade com reuniões uma vez por mês (...) escolhemos nomes para nossas comunidades: Bom Pastor (Ilha); Bom Mestre (Brás de Pina) e Castelo Forte (Vila Valqueire) (p. 3). O núcleo Bom Mestre começou pequeno, mas nem por isso menos ativo. Quando da nomeação e fundação oficial do núcleo, em 1982, constam como membros fundadores 17 pessoas, a saber, Rodolpho Ricardo Alfredo Albrecht, Norberto Albrecht, Mena Ewald, Albert Waldemar Güntesperger, Ursula Kern, Hans Meier e Helena Meier, Ellen Naeveke, Walter Nieling e Elza Nieling, Olav Adi Pooter e Eloisa da Cunha Pooter, Anita Schlösser, Karl Rolf Friedrich Walter e Estella Walter, Carl Heinz Bartosch e Editha Erna Bartosch. O primeiro presbitério foi composto da seguinte forma: presidente Albert Waldemar Güntesperger, vice-presidente Rolf Karl Friedrich Walter, secretário Carl Heinz Bartosch e tesoureiro Olav Adi Pooter.

Durante 14 anos a sra Ellen Naeveke cedeu as dependências de sua casa para que fossem realizados os encontros comunitários, tendo inclusive, permitido a colocação de uma placa indicativa de que ali se realizavam os cultos da Igreja Luterana (ata de 15/05/1983, p. 8). Outros membros também abriram suas portas para as diversas atividades realizadas neste núcleo ativo e cheio de fé. Além dos cultos dominicais, realizavam-se estudos bíblicos, encontros de ECO, mais de um grupo de Escola Dominical, grupos de Juventude Evangélica, da qual o primeiro encontro foi realizado no dia 06/03/1983, na casa da família Hochwart, e de confirmandos, OASE e do Conselho Comunitário.

Com alegria pôde o núcleo registrar a estréia do órgão elétrico, em 07 de julho de 1982; a visita do P. Morris Sorensen, assistente do Presidente da American Lutheran Church; o fato de ali ter sido sabatinado o futuro Pastor Rolf Schünemann, entre outras tantas atividades.

O sonho de um local próprio para as celebrações foi acalentado e buscado com intensidade. Festas, bazares, coletas, inclusive das comunidades de RE I (11/05/1986), foram realizados para o provimento do Fundo Especial. Em 1983, um grupo de Escolas Dominicais dos Estados Unidos enviou oferta, e em 13 de junho de 1986, foi enviada oferta da comunidade em que o Pastor Robert H. Fedde atuava nos EUA. Também vários grupos de OASE do Brasil enviaram suas ofertas (São Bento/ SC, Friburgo/ RJ, Marechal Cândido Rondon/ PR, Esteio/RS, Presidente Getúlio/SC e Chapecó/SC).

Em abril de 1985, surgiu o primeiro número de A Trombeta, boletim informativo do núcleo Bom Mestre, tendo como redator o sr. Carl Heinz Bartosch. Completado um ano de circulação deste boletim, o Presidente da Paróquia Missão Suburbana, Carlos Doetting Jr., solicitou que esse fosse enviado a todos os membros da Paróquia, o que foi feito a partir de abril de 1986 (ata de 06/03/1986, p. 37b).

O núcleo manteve-se unido e participativo, junto com os demais núcleos desta Paróquia, celebrando em conjunto nos Dias Paroquiais, realizados desde 1985, tanto em rodízio, como em Araras e no Alto da Boa Vista; enviando ofertas para a Creche Bom Samaritano; prestigiando as celebrações de aniversário da Paróquia Martin Luther; partilhando seu Fundo Especial, quando isso se fez necessário, como na conclusão de obras nas Comunidades Bom Pastor e Castelo Forte e na compra de novo veículo pastoral.

Em 1988, o sonho da aquisição de terreno para a construção de local próprio deixou de existir por não termos a quem recorrer para complementar financeiramente o ônus a ser assumido (ata de 23/03/1988, p. 46) e o núcleo Bom Mestre deixou de existir, temporariamente, como pastorado (p. 47), passando seus membros a freqüentarem os cultos da Comunidade Castelo Forte. Em 1991, com a chegada do Pastor Guilherme Lieven, foram retomados os cultos, que passaram a ser mensais, e por sugestão do pastor, membros deste núcleo passaram a ter assento no presbitério da Comunidade Castelo Forte.



Atual grupo do ponto de pregação Bom Mestre

É bom lembrar que o grupo da OASE da Comunidade Bom Mestre nunca deixou de existir. Tendo eleito sua primeira diretoria em 09/12/1982 (Érika Hochwart, presidente, Ellen Naeveke, vice-presidente, Úrsula Kern, secretária e Maria Eloíza da Cunha Pooter, tesoureira), este grupo continuou a se encontrar, a realizar bazares, em benefício de outras Comunidades, a participar das diversas atividades promovidas pelos demais núcleos, pela União Paroquial bem como do

Distrito Eclesiástico Rio de Janeiro e da Região Eclesiástica I, mesmo no período em que o próprio núcleo deixara de existir.

Após um novo período de inatividade, os cultos voltaram a ser celebrados mensalmente nas casas de famílias deste núcleo Bom Mestre que, com a bênção de Deus, seguirá honrando sua proposta de povo que se une em nome do Senhor.

Comunidade Castelo Forte

O núcleo Castelo Forte teve em seu princípio a firme proposta evangelizadora de ser igreja missionária na grande metrópole. Ênfase na aceitação de Jesus Cristo como Senhor, conversão, batismo de adultos e abertura ecumênica e para membros vindos de outras tradições cristãs, marcaram fortemente os primeiros anos da existência deste núcleo.

A ata de abertura do livro de Atas da Comunidade, na época denominado Livro de Atas Vila Valqueire, registra em 25 de maio de 1978, a participação do Pastor Jon Bell, Peter Gaiser e Ilka Gaiser, Carlos Doettling e Leonore Doettling, Laura Margarida da Silva, José Inácio Marra e Josélia Marra, Antonio Hochwart e Erika Adele Hochwart, Bruno Fehnle e Ilka de Paula Menezes Fehnle. O primeiro assunto da pauta foi justamente a aquisição de um terreno para a construção da Igreja. A primeira diretoria foi composta por presidente Peter Gaiser, secretária Ilka de Paula Menezes Fehnle, tesoureiro Antonio Hochwart e conselheiro José Inácio Marra.



Comunidade Castelo Forte

Havia vários grupos de Escola Dominical, para crianças, para jovens e para adultos. Esses grupos reuniam-se após o culto dominical, que, durante 10 anos, foi celebrado na casa de Peter Gaiser. As atas registram a constante preocupação em saber como estavam se desenvolvendo os diversos grupos de estudo e celebração, as reuniões da Juventude Evangélica, que contava com diretoria, o coro e, inclusive, os cultos de oração celebrados na Penha e em Bangu (ata de 07/07/1979, p. 15).

Nesses anos iniciais foram registradas, também, visitas, como a feita por missionários suíços que sentiram o calor de Cristo em nossa Comunidade (ata de 07/07/1979, p. 15), e uma grande preocupação com os

largos momentos de vacância por que passou essa Paróquia. Em 1980, lê-se na ata: “com a volta do Pastor Hans Oldehus para sua missão no Norte em julho ficaremos pela terceira vez sem Pastor.” (p. 25). Nestes períodos, os cultos foram celebrados por leigos, pelo sr Hermann Evelbauer, Presidente da UP, pelos Pastores Braun e Kräutlein, lançando-se mão, inclusive, de palestras gravadas (março de 1981). O retorno do Pastor Robert H. Fedde, em outubro de 1981, trouxe novo ânimo para a comunidade.

Em 1982 foi eleita uma comissão para a compra do terreno, composta por Paulo Bosco e João Batista de Moura (ata de 29/06/1982, p. 51). Em 22 de outubro de 1982 foi adquirido o terreno situado à Rua Luís Beltrão, nº 1052, em Jacarepaguá (ata de 26/10/1982, p. 53). Neste local havia uma pequena casa que foi adaptada para servir como local de cultos. O primeiro culto realizado no novo local foi celebrado pelo estagiário Carlos Ulrich, em 29 de janeiro de 1983. O culto de inauguração da Igreja foi celebrado em 16 de junho de 1983, com a presença do Pastor Distrital Werner Brunken. Também em junho de 1983 o Pastor Robert H. Fedde deixa a Paróquia, sendo substituído pelo Pastor colaborador Rolf Schünemann, em agosto do mesmo ano.

Inicia-se aqui uma fase diferente da vida comunitária, com novas ênfases pastorais, como a celebração de um Dia da Comunidade (25/03/1984), criação de um Boletim da Comunidade (1985). Cogitou-se a possibilidade de o Pastor Schünemann assumir o núcleo de Nova Iguaçu (ata de 30/03/1984, p. 67), o que infelizmente não se concretizou. Lembrando-se de suas dificuldades para a aquisição do local próprio, a Comunidade de bom grado acolheu o pedido da Comunidade irmã, Bom Mestre, de empréstimo do seu espaço para a realização de um churrasco beneficente (ata de 26/04/1984, p. 68). E, neste mesmo espírito fraterno, diante das dificuldades pelas quais passava a Creche Bom Samaritano, ofereceu seus préstimos e doações de material de higiene e limpeza durante diversos anos, para que o trabalho junto às crianças carentes não sofresse danos. A Comunidade comprometeu-se, também, a participar do Conselho da Creche, tendo direito a voto, garantido

em Estatuto (ata de 29/06/1984, p. 70).

Em 1993, nos fundos do terreno, foi construído um salão paroquial, que serviu de local de celebração até que o novo templo pudesse ser concluído. Nesse interim, um incêndio destruiu parte da casa que servira de local de cultos (1996). Ainda nesse ano, foi realizada uma campanha de doações para a construção, que contou com grande ajuda da Paróquia Esperança, de Niterói, e da Comunidade Bom Pastor, da Ilha do Governador (ata de 31/08/1996, p. 6, livro 2)

Em 10/02/1998 requereu-se junto à Prefeitura, alvará para a demolição da casa, iniciando-se em março de 1998 a construção da fundação e estrutura do novo templo, com projeto da arquiteta Ângela Elisabeth Denecke Marinari Rodrigues, membro da Comunidade Bom Pastor (ata de 22/03/1998, p. 8, livro 2). A pedra fundamental foi lançada em 07 de junho de 1998. Mesmo não estando concluído o templo, em 02 de dezembro de 2001, dois jovens, Matheus Lucas Gutbrodt e Anderson Walter Trindade, este membro do Ponto de Pregação Bom Mestre, foram ali confirmados.

Com o auxílio da GAW (Gustav-Adolf Werk) a obra pôde ser parcialmente concluída e, em 14 dezembro de 2002 o novo templo foi consagrado ao Senhor, em culto presidido pelo Pastor Antonio Carlos S. Ribeiro e a Pastora Ramona Elisabeth Weisheimer, com a presença da Pastora Christhild Grafe, da St. Johanniskirche (Decanato de Schweinfurt, Alemanha), do Pastor Sinodal Rolf Schöne-mann, dos Pastores do Estado do Rio de Janeiro e do Coral da Paróquia Martin Luther.



Foto P^a Ramona E. Weisheimer, P. Antonio Carlos Ribeiro e P^a Christhild Grafe

A Paróquia recebeu a visita de uma Comitiva da Evangelische Lutherische Kirche in Bayern (Igreja Evangélica Luterana na Baviera) composta do Secretário para América Latina, P. Wolfgang Döbrich, do Diretor do Departamento de Vida Eclesiástica e Ecumenismo, P. Michael Martin, da Presidente do Sínodo da Igreja da Baviera, Heidi Schülke, e da Assessora do Departamento e Secretária Executiva para os Projetos, Dorothea Droste. No domingo 02 de outubro de 2005 foi celebrado o culto na Comunidade Castelo Forte, com a presença da comitiva, ocasião em que foi inaugurada a churrasqueira e o churrasco assado e servido



O Culto contou com a participação do P. Dorival Ristoff e do P. Eduardo Dutra (IPU)...



... além dos visitantes e do Coral da Par. Martin Luther

por Edegar Kirsch e Wilson Dockhorn, da Comunidade Bom Pastor.

Em janeiro de 2006, a Paróquia recebeu a visita de um grupo de estudantes do Luther College, de Decorah, Iowa, EUA, liderados pela P^a Dr^a Wanda Deifelt. O culto foi celebrado na Comunidade Castelo Forte, em conjunto com a Igreja Presbiteriana Unida de Jacarepaguá.



P. Carlos Cunha (IPU Jacarepaguá), P^a Dr^a Wanda Deifelt (Luther College) e P. Antonio C. Ribeiro

Em 30 de abril de 2006, junto com a posse do presbitério eleito em março daquele ano, foi dedicado o mobiliário do templo: o púlpito, a pia batismal, a bancada e a estante do regente. O Coral da Paróquia Martin Luther esteve presente ao evento, ocasião em que a sra Hannelore Weber doou uma Bíblia de leitura.

A parceria estabelecida com o Decanato de Schweinfurt, Alemanha, e a União Paroquial do Rio de Janeiro, desde a vinda da primeira comitiva alemã, em 1989, levou à realização anual de cultos celebrativos, sempre em setembro, tendo o mesmo tema e a mesma data, tanto no Brasil como na Alemanha, e a visitação mútua. Em 2002, a primeira delegação brasileira visitou o Decanato. Desta delegação fizeram parte membros das diversas Paróquias do Rio de Janeiro e da Creche Bom Samaritano, sendo a Comunidade Castelo Forte representada por Márcia Elisa Kirsch, e a Comunidade Bom Pastor por Ieda Ficks e o casal Lia e



Posse do atual Presbitério e dedicação dos móveis, doados pelas comunidades do Sín. Sudeste

Nelson Willrich.

Comunidade Bom Pastor

Na primeira folha do Livro de Registro de Ofícios da Comunidade Evangélica Luterana do Rio de Janeiro (Núcleo Ilha do Governador) consta o batismo de Christian Roger Dockhorn, em 12 de janeiro de 1975. Este livro, que registra todos os ofícios realizados posteriormente nos vários núcleos da Paróquia Missão Suburbana, foi aberto pelo Pastor Robert H. Fedde, em 25 de outubro de 1974. Por essa época, o núcleo da Ilha do Governador celebrava em uma casa alugada, situada na Rua Orestes Rosólia, nº 124, Jardim Guanabara.

Logo foi iniciada uma campanha para a aquisição de um local próprio, inicialmente com onze famílias, às quais logo se juntaram mais seis. Foram, então, adquiridos dois terrenos na Estrada da Porteira, no bairro Bancários. Porém, o desnível do terreno e seu difícil acesso não permitiram a construção do templo. Enquanto isso, as celebrações se faziam em uma casa cedida pela sra Joana Baumgart, à Rua Pejuçara, lote 76, no Cocotá. Nesta casa também residiu o Pastor Jon Bell, em 1977. Findo o inventário desta casa, o Pastor Bell transferiu-se para a Rua Marquês de Muritiba, nº 810, onde residiu até seu

regresso aos EUA, em 1979. O Missionário João Oldehus assistiu a Comunidade de maio de 1979 até julho de 1980. Sem pastor, a comunidade se manteve unida, realizando seus cultos em uma casa alugada à Rua Manuel Marreiros, no Tauá, sendo assistida pelo sr. Hermann Evelbauer, o Pastor Braun e outros, até o retorno do Pastor Robert H. Fedde, em 1981. Por fim, a Comunidade foi acolhida pelo casal Denecke, em sua residência, à Rua Manuel Magioli, nº 41, ali permanecendo até que o anexo construído no terreno da Rua Sobragí, nº 88, pudesse



Primeiro batismo na Paróquia Norte.

abrigar as celebrações. A pequena cruz móvel e a Igrejinha de madeira, em que se depositam as ofertas, acompanharam a comunidade em boa parte dessas mudanças. Na casa da família Denecke foram iniciados, com o Pastor Schünemann, em caráter experimental, cultos em língua alemã.

A área na Rua Sobragí foi adquirida em 1983, após a venda dos terrenos da Estrada da Porteira. O lançamento da Pedra Fundamental se deu em 24 de junho de 1984, sendo o primeiro culto ali realizado em 30 de setembro de 1984. Porém, ainda em 1984 a obra precisou ser paralisada por mais de cinco meses, por falta de verbas, sendo retomada somente em abril de 1985. A construção do templo representou um desafio que agregou as famílias, convocadas a ajudar não apenas financeiramente, mas também com seu trabalho nos diversos mutirões realizados. No dia 29 de novembro de 1986, foi realizado o primeiro culto no templo da Comunidade, a mesma ocasião em que foi celebrada a ordenação ao ministério pastoral do P. col. Rolf Schünemann.

Enquanto a auto-suficiência da Paróquia era discutida, a Comunidade tinha olhos também para as famílias afastadas, que precisavam ser visitadas e as novas maneiras de congregar os jovens, cujos trabalhos chegaram a ser suspensos por tempo indeterminado, em 1991. Em 1996 foi criado um site para a Juventude pelos jovens da Comunidade Bom Pastor, sendo administrado por Glauco Pabst até 2000. Muito do que hoje se vê no templo foi doado por membros e por outras comunidades. Assim, pia batismal e púlpito foram confeccionados pelo pai do Presidente Frederico Arentz, em 1988; os vitrais que adornam o altar, foram doados pela família Willrich; e ainda neste mesmo ano, foram doados o quadro de



O atual templo da Comunidade Bom Pastor.



O atual presbitério da com. Bom Pastor

Em março de 1989, a paróquia recebeu a visita da delegação do Decanato de Schweinfurt, Alemanha, e em agosto hospedou um grupo de sete jovens do mesmo Decanato e outro da Noruega. Em 1992 foi fundado um grupo de escotismo na Comunidade.

Fizeram parte da história desta Comunidade as coletas em benefício da Creche da Praia da Rosa (1993); a constante preocupação com a Creche Bom Samaritano; os almoços oferecidos às senhoras residentes no Ancionato do Amparo Feminino, a partir de 1994; os bazares em favor da Creche da Praia da Rosa; os cursos de artesanato, ministrados em suas dependências, em 1992.



Coro Corcovado, regido pelo maestro Ruy Wanderley

A Comunidade também auxiliou a sra Neusa Feliciano Teixeira, por vários anos zeladora do templo, a adquirir uma pequena casa no conjunto residencial da Praia da Rosa (ata de 29/10/1992, livro 2, p. 41). Todos os anos, a sra Amgard Wulf Pabst, membro desta Comunidade, confecciona e doa as coroas de Advento para as comunidades Bom Pastor e Castelo Forte.

Em 1990 foi enviado projeto ao Gustav-Adolf Werk (GAW) solicitando auxílio para a aquisição de uma casa pastoral, pois até então os pastores da Paróquia moravam em casas alugadas. Em 1991 foi adquirida a residência atual, à Avenida Paranapuã, 1203, casa 10, no Tauá.

Com a direção do Pastor Robert Fedde, em 1981 foi eleito o primeiro Conselho da Comunidade Bom Pastor, sendo este formado por: presidente Frederico Pereira Arentz, vice-presidente Nelson Willrich, tesoureiro Olavo Pabst, secretário Gerhard Hanstein e representante da OASE Helga Schaly. A primeira diretoria da OASE, porém, foi eleita muito antes, em 1973, sendo composta pela



Culto da Colheita - Com. Bom Pastor

presidente Lola Fedde, tesoureira Margot Martiny e secretária Carmen Arentz. Esse grupo, sempre atuante, esteve presente em todas as atividades da comunidade, participando ainda das atividades propostas pelo antigo Distrito Eclesiástico do Rio de Janeiro e da Região Eclesiástica I.

Após um longo período de estudos, os novos Estatutos da Comunidade Evangélica Luterana do Rio de Janeiro foram aprovados em 1989, quando cada Paróquia passou a ter um Regimento Interno. A Paróquia deixou de se chamar Missão Suburbana e passou a denominar-se Paróquia Norte do Rio de Janeiro. Com a alteração dos Estatutos e reestruturação da União Paroquial, em 1990, a Paróquia Norte, que sempre fora deficitária, recebendo auxílio das demais Paróquias da União Paroquial, passa a se auto-sustentar, conforme palavras do Pastor Guilherme Lieven, em ata de 8 de novembro de 1990: “Com a reestruturação da União Paroquial para o próximo ano por exemplo os carnês serão distribuídos por cada paróquia e cada paróquia terá seu caixa independente.” (ata de 08/11/1990, livro 2, p. 28).

Conclusão

A construção dos templos, confecção de Estatutos, a autonomia da Paróquia, estiveram na ordem do dia por vários anos. Paróquia pequena, contando hoje com apenas 102 membros inscritos, a antiga Paróquia Missão Suburbana, hoje Paróquia Evangélica de Confissão Luterana no Rio de Janeiro - Norte, assumiu o desafio de ser Igreja de Jesus Cristo na grande metrópole. Igreja de diáspora, pequena, mas atuante. Nos primeiros 20 anos de sua história, por aqui passaram sete pastores, com uma média de permanência inferior a três anos, diminuída ainda pelos enormes períodos de vacância, o que levou o então presidente Henri Pierre



P^a Ramona e P^a Christhild Grafe impetram a bênção apostólica em culto na Com. Bom Pastor



P^a Ramona E. Weisheimer e Dr^a Mônica Vieira, desta Paróquia, participam de celebração campal com os demais membros do Grupo de Visita e o Pastor Walter Neunhoeffler, em Lauertal



Com a participação dos pastores e pastoras, o evento se tornou um ponto de encontro dos luteranos fluminenses



Em 2006 a Celebração passou a ser feita na ACM-Ilha

Matthes, em 1991, a demonstrar sua preocupação, pois assim nenhum trabalho poderia dar frutos em sentido algum (Relatório da Presidência, Assembléia Geral Ordinária da Paróquia Norte). Mesmo assim, a Paróquia Norte resiste.

O site da Comunidade Evangélica Luterana do Rio de Janeiro na Internet, gerenciado pelo pastor Norbert Ellinger, da Paróquia Martin Luther, foi substituído pelo endereço com domínio (www.celurj.org.br) em 1999 e passou a ser editado regularmente pelo pastor e jornalista Antonio Carlos Ribeiro. Assim como o jornal Comunidade Luterana, após o falecimento do editor Hermann Evelbauer, em outubro de 2004. Desde 2007 este serviço conta com o auxílio da designer Rose Araújo, aprimorando a comunicação missionária. O atual Estatuto foi votado, homologado e aprovado pelo Conselho Paroquial em 2003 e registrado em 2005. No segundo Grupo de Visita a Schweinfurt, em 2006, a Paróquia foi representada pela Pastora Ramona Elisabeth Weisheimer e pela advogada Mônica Gomes Vieira Ferreira, presidente da Comunidade Bom Pastor.

DIA DA IGREJA

Além das atividades comunitárias, surgiu nesta Paróquia o Dia da Igreja, celebrado ininterruptamente desde o ano de 2000. O primeiro foi realizado em Cachoeiras de Macacu, do 2º ao 6º em Guapimirim e o último foi realizado na ACM-Ilha. Hoje o Dia da Igreja congrega as diversas Paróquias do Estado do Rio de Janeiro.

NOMINATA DOS PASTORES/A, ESTAGIÁRIOS, VICÁRIO E PPHPISTA QUE ATUARAM NA PARÓQUIA NORTE:

P. Robert H. Fedde (1973-1976)

Estag. Luís Marcos Sander (1975)

P. Jon Bell (1977-1979)

Estag. Paulo Denecke (1978)

P. João Oldehus (1979-1980)

P. Robert H. Fedde (1981-1983)

Estag. Carlos Ulrich (1983)

P. col. Rolf Schünemann (1983-1987)

Estag. Ernani Goelzer e Estag. Jorge Schifferdecker (1984)

P. Dr. Rhenatus Porath (1988-1990)

Vic. Hans Gliemann, de Delmenhorst, Alemanha (1988)

P. Guilherme Lieven (1990-1993)

P. Johannes Wille (1993-1999)

PPHPista Lusmarina Campos Garcia (1997)

P. Antonio Carlos S. Ribeiro e P^a Ramona Elisabeth Weisheimer (desde 1999)

FONTES BIBLIOGRÁFICAS:

Livro de Atas - Paróquia Norte (13/03/1988 - 25/03/1995)

Livro de Atas - Bom Pastor nº 1 (28/10/1981 - 06/03/1988)

Livro de Atas - Bom Pastor nº 2 (17/03/1988 - 08/12/1994)

Livro de Atas - Bom Mestre (26/08/1982 - 26/11/1994)

Livro de Atas - OASE Bom Mestre (12/03/1983 - 12/2005)

Livro de Atas - Vila Valqueire (25/05/1978 - 26/04/1992)

Livro de Atas - Castelo Forte (28/02/1993 - 08/04/2006)

Livro de Ofícios - CELURJ - Núcleo Ilha do Governador (25/10/1974-)

FONTES TESTEMUNHAIS:

Entrevista com Germano Bernsmüller (14/03/2007)

Entrevista com Wilson Dockhorn e Ivone Assaf Dockhorn (16/03/2007)

Entrevista com Karl Heinz Bartosch (17/03/2007)

Entrevista com Eurisel de Almeida Pires (19/03/2007)

Entrevista com Elsbeth Anne Schier de Moura (19/03/2007)

HOMENAGENS:

PONTO DE PREGAÇÃO BOM MESTRE:



Carl Heinz Bartosch

Hermann Evelbauer

Bruno Olavo Pungartnik

Marie Margarethe Bosco

Carlos Fronz Doettling

Carl Heinz Bartosch, por ter criado o boletim A Trombeta, transformado em boletim paroquial pelo Presidente Carlos Doettling Jr.

COMUNIDADE BOM PASTOR:

- Hermann Evelbauer, presbítero que exerceu diversas funções na Com. Bom Pastor, na Paróquia Norte, no Distrito Eclesiástico Rio de Janeiro (DERJ), na Região Eclesiástica I e na Região Eclesiástica VII, no Conselho Diretor da IECLB e até no Sínodo Sudeste, e por ter editado o jornal Comunidade Luterana (in memorian).

- Bruno Olavo Pungartnik, presbítero que atuou na Com. Bom Pastor, na diretoria da Paróquia Norte e como representante da Paróquia na CELURJ (in memorian).

COMUNIDADE CASTELO FORTE:

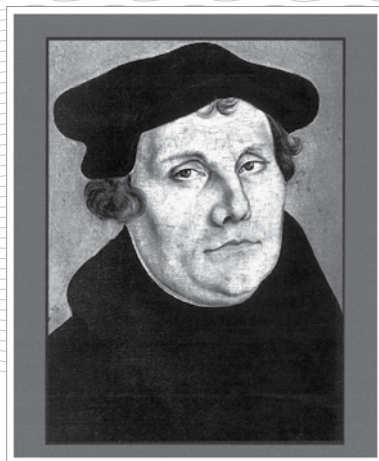
- Marie Margarethe Bosco, presbítera que atuou no presbitério e exerceu funções nas atividades da OASE na comunidade, na Paróquia Norte e no Distrito Eclesiástico Rio de Janeiro (DERJ) (in memorian).

- Carlos Fronz Doettling, membro fundador, presbítero que atuou na Comunidade Castelo Forte na época dos pioneirismos e das doações de materiais e serviços.

- Carlos Doettling Jr., que exerceu as funções de presidente da Comunidade e da Paróquia, durante vários mandatos, destacando-se por ser o mais jovem e atuante a exercer a função.

- Ellen Naevecke, por ter acolhido a comunidade em sua residência para celebrações, guardado objetos litúrgicos e mantido uma placa que anunciava os cultos da Igreja Luterana.

*Por Ramona Elisabeth Weisheimer
Bacharel em Teologia (Escola Superior de
Teologia da IECLB); Bacharel e Licenciada
em História (Universidade Federal do Espírito
Santo), foi pesquisadora da Fundação
Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa
do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ)
e atua como pastora na Paróquia Norte
(CELURJ).*



Martin Luther / 1483 - 1546



BREVE HISTÓRICO DA IGREJA LUTERANA

A Nossa Igreja - nossa história

Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), com sede em Porto Alegre-RS, tem sua origem no movimento reforma da igreja no século 16 do qual Martin Luther foi um grande protagonista. Na sua descoberta doutrinária, baseada em seus estudos da Bíblia Sagrada, Lutero afirma que o ser humano é salvo por graça e fé e não por obras meritórias.

Essa experiência da graça permite que os luteranos sejam caracterizados por um estilo de vida sem proibições e sem a imposição de regras de comportamento que possam ter como objetivo a obtenção da salvação, já que esta é alcançada por graça, mediante a fé.

O luteranismo chegou ao Brasil em 1824 junto com a imigração alemã e, embora tenha permanecido mais concentrado no Sul e Sudeste do Brasil por mais de um século, hoje há comunidades luteranas espalhadas em quase todos os estados brasileiros.

Desde a sua origem a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil tem nas comunidades sua base de sustentação mais importante. A vida celebrativa tem aí o seu espaço privilegiado. A Palavra de Deus é pregada e os Sacramentos são administrados. A Igreja abre espaço e valoriza a participação dos membros na vida comunitária. Estimula o seu testemunho na sociedade mediante seu engajamento em entidades e instituições educacionais e diaconais.

Em nível nacional a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil se estrutura em 18 Sinodos. Procura exercitar solidariedade e comunhão no testemunho da fé cristã. Diante da realidade brasileira e de outros temas da sociedade e do mundo a direção da Igreja faz declarações, emite posicionamentos e manifestos, veicula cartas pastorais e estimula a intercessão comum. Orienta os membros das comunidades e expressa para a sociedade

brasileira a sua visão sobre temas e situações desafiadoras. O conteúdo desta palavra da Igreja e de outros documentos, como o guia prático de vida comunitária chamado “Nossa fé - Nossa vida”, revela o que pensa, o que crê, como se caracteriza e se articula a Igreja.

O movimento da Reforma

O movimento da Reforma, desencadeado no século 16, que teve Martin Luther como um dos principais protagonistas, encontrou uma grande receptividade na Alemanha e em outros países europeus. Por causa da liderança de Lutero e também pelo fato de a sua pessoa ser o centro das tensões e dos conflitos com a Igreja Católica, as pessoas simpáticas e seguidoras do movimento começaram a ser chamadas de “luteranas”. Tratava-se no início de um xingamento de adversários e opositores.

Martin Luther opôs-se veementemente a esta designação. “Peço que meu nome seja calado e que ninguém se chame luterano, senão cristão. Que é Lutero? Pois se a doutrina não é minha! Eu também não fui crucificado por ninguém.” Fala de si mesmo como um “pobre e fedorento saco de vermes.” A sua preocupação central girava em torno do resgate da verdade evangélica.

Como formação eclesial independente o luteranismo tem sua origem por ocasião da aprovação da Confissão de Augsburg em 1530. Esta confissão tornou-se um documento básico de todas as igrejas luteranas no mundo. Recebeu a adesão de fiéis em boa parte da Europa. Sofreu sérios revéses com as investidas da Contra-Reforma católica, mas acabou se consolidando principalmente na Alemanha, Suécia e demais países escandinavos.

O luteranismo expandiu-se para as Américas e a Oceania com o advento do processo emigratório europeu. A expansão colonial europeia fez com que chegasse à África e Ásia. Atualmente ele se agrupa basicamente em duas grandes organizações mundiais: Federação Luterana Mundial e Conselho Luterano Internacional.

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil é filiada à Federação Luterana Mundial desde 1950.

Quem somos? Em que cremos?

1. AS ESCRITURAS COMO NORMA DA FÉ

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, uma das Igrejas-herdeiras da Reforma, é Igreja da Palavra, isto é, tem como um de seus pilares confessionais que somente as Escrituras são a norma determinante do que a Igreja proclama e ensina.

Em torno da Bíblia, desde a igreja antiga, foram elaborados credos e confissões que resumem e atualizam os conteúdos da fé cristã para cada época. A própria Bíblia dá algumas razões para a formulação de um credo: a necessidade de confessar o que se crê (Mt 10.32-33; Rm 10.9-10). Jesus perguntou a seus discípulos e pergunta a nós: “Mas vós(...), quem dizeis que eu sou?”(Mt16.15). Credos e confissões são testemunhos afirmados em novas situações de conflito e mesmo sob perigo de vida e de martírio. Assim surgiram os primeiros credos ecumênicos concisos em uso na maioria das igrejas que confessam Jesus Cristo como único Senhor e Salvador.

2. SOMENTE CRISTO – SOMENTE PELA GRAÇA – SOMENTE PELA FÉ

Como o povo de Deus está num “caminho que se faz caminhando”, de tempos em tempos é necessário clarear o que diz a Bíblia e reafirmar no novo contexto o que cremos e confessamos. Os escritos confessionais do tempo da Reforma também são credos, mas elaborados com mais detalhes em meio às tensões teológicas do século 16. Quando para a salvação da “alma” eram exigidas determinadas obras e rezas, peregrinações, sacrifícios e compra de indulgências, foi necessário recorrer à Bíblia e afirmar que somente Cristo é Mediador e Salvador.

Segundo Lutero, Cristo é a mensagem central da Bíblia, e a justificação do pecador se realiza somente pela graça de Deus oferecida por Cristo. E essa graça do perdão e da salvação pode ser recebida somente pela fé, não por obras e sacrifícios que nos tornassem merecedores diante de Deus. Contudo, a fé que recebe a graça produz frutos de gratidão e torna a pessoa crente livre e atuante em obras de amor. São os dois lados da mesma moeda que, segundo Lutero, norteiam a ética cristã: “O cristão é um senhor livre de tudo, a ninguém sujeito - O cristão é um servo dedicado a tudo, a todos sujeito”. O ser livre se dá na fé, o servir, no amor. (Da Liberdade Cristã, livro de 1520).

3. NOSSAS CONFISSÕES DE FÉ

É claro que os credos ecumênicos e as confissões luteranas (com especial referência à Confissão de Augsburg, 1530, e ao Catecismo Menor de Lutero, 1529) não estão em pé de igualdade com a palavra de Deus, mas são palavras humanas em resposta à Palavra de Deus, devendo sempre ser testadas à luz das Escrituras. No entanto, não devem ser desprezados como orientação para a fé. Embora em muito menor grau, essa distinção vale, obviamente, também para hinos e liturgias, testemunhos cantados e celebrados no culto - a matriz da vida cristã e comunitária.

Hoje, experimentamos transformações cada vez mais rápidas e assaltos à fé bíblica que podem nos deixar desorientados, balançados por todo vento de doutrina (Ef 4.14). É difícil ficar imune às influências do pluralismo religioso, do subjetivismo, da busca de emoções e fenômenos, do querer sentir e “ver para crer”. Mas, com o distanciamento do que eventualmente se considera dogmatismo ultrapassado, crescem as incertezas e a solidão das pessoas. Por isso é salutar lembrar as verdades objetivamente afirmadas e confessadas, experimentadas e vividas como essenciais por pessoas que nos precederam na fé. Não se trata de verdades abstratas. São bom depósito (I Tm 6.20; II Tm 1.14), tradições (I Co 11.2; II Ts 2.15) e padrões éticos confiáveis, comprovados ao longo da caminhada com o Deus que se fez carne na história, que habitou entre nós por Jesus Cristo e continua presente pela Palavra, mediante a ação do Espírito Santo.

4. O QUE É IGREJA?

Segundo Lutero, “graças a Deus, uma criança de sete anos sabe o que é a Igreja, a saber, os santos crentes e os ‘cordeirinhos que ouvem a voz de seu pastor” (Os Artigos de Esmalcalde, 1537). Ou seja, uma comunidade que se reúne para ouvir e acolher com fé a palavra de Jesus. Assim, a Igreja não é primordialmente uma estrutura nem um prédio. Tampouco se caracteriza como tal por ter pessoas que nela ocupam funções hierárquicas. Ela é povo, é comunidade, mas não um povo ou uma comunidade qualquer e, sim, uma congregação de irmãos e irmãs na fé que ouvem a Palavra de Deus. Por isso Lutero tem-

bém acentuou que a igreja é criatura da Palavra. E a Confissão de Augsburgo, documento confessional básico da reforma luterana, define que a Igreja é “a congregação de todos os crentes, entre os quais o evangelho é pregado puramente, e os santos sacramentos são administrados de acordo como o evangelho.”

Fonte - Site da IECLB

Organização Pastor Dorival Ristoff



ESCOLA ALEMÃ CORCOVADO – DEUTSCHE SCHULE
Associação Escolar e Beneficente Corcovado
Rua São Clemente, 388 - Botafogo - 22260-000 - Rio de Janeiro - Brasil
www.eac-rio.de - eacrio@eacorcovado.com.br - Tel. +55 21 2537.8811 - Fax +55 21 2537.9411

Rio de Janeiro, 04 de maio de 2007

Pelos 180 anos da Comunidade Evangélica Luterana do Rio de Janeiro

Imigrantes alemães chegaram ao Rio de Janeiro e construíam em rocha firme a sua Igreja Evangélica Luterana. É marca dos luteranos a elevada atenção com a vida em comunidade e com a educação das crianças.

A Escola Alemã Corcovado vem juntar-se às muitas instituições para em grande coro homenagear a Comunidade Evangélica do Rio de Janeiro por ocasião dos festejos dos 180 anos de existência. No início, a necessidade de sobrevivência e adaptação dos imigrantes à nova pátria tinha ligação marcante com a vida na igreja. Ao longo dos anos, a obra dos luteranos espalhou-se por toda cidade. Os membros da comunidade e os pastores são os protagonistas dessa história de 180 anos de fé e de trabalho.

Elevam-se na Escola Alemã Corcovado os sentimentos de pertença a essa história pela participação de muitos pais, ex-alunos, professores e funcionários como membros dessa Comunidade. A tarefa da educação das novas gerações consolida o vínculo entre a Comunidade Luterana e Escola Alemã Corcovado.

**Parabéns Comunidade Evangélica
Luterana do Rio de Janeiro!**

Com elevada estima

Valdir Rasche – Diretor Brasileiro
Escola Alemã Corcovado
Associação Escolar e Beneficente Corcovado.

Rio de Janeiro, den 04. Mai 2007

Zum 180-Geburtstag der lutheranisch- evangelischen Gemeinde in Rio de Janeiro

Deutsche Einwanderer kamen nach Rio und bauten hier auf festem Boden die lutheranisch-evangelische Kirche. Kennzeichen für die Lutheraner war und ist die Bedeutung, die sie dem Gemeinwohl und der Erziehung der Kinder zuschreiben.

Die Escola Alemã Corcovado gesellt sich zu vielen anderen Institutionen, um in einem grossen Chor die evangelische Gemeinde in Rio de Janeiro aus Anlass der Feier ihres 180-Geburtstages zu ehren. Anfangs hatte der Bedarf der Einwanderer, in der neuen Heimat zu überleben und sich anzupassen, eine Enge Beziehung zum kirchlichen Leben. Im Laufe der Jahre verbreitete sich das Werk der Lutheraner in der gesamten Stadt. Die Mitglieder der Gemeinde und die Pfarrer sind die Hauptakteure dieser 180-jährigen Glaubens- und Arbeitsgeschichte.

In der Escola Alemã Corcovado wird das Zugehörigkeitsgefühl zu dieser Geschichte durch die Mitgliedschaft vieler Eltern, ehemaliger Schüler, Lehrer und Mitarbeiter an diese Gemeinde wach gehalten. Die Erziehungsaufgabe der neuen Generationen festigt die Verbindung zwischen der lutheranischen Gemeinde und der Escola Alemã Corcovado.

**Herzlichen Glückwunsch lutheranisch-
evangelische Gemeinde in Rio de Janeiro!**

Hochachtungsvoll

Frank Strasen – Deutscher Schulleiter
Escola Alemã Corcovado
Associação Escolar e Beneficente Corcovado.



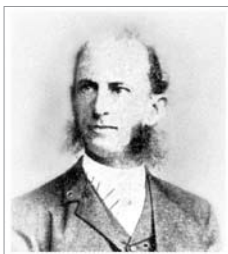
A COMUNIDADE LUTERANA DO RIO DE JANEIRO E O COLÉGIO CRUZEIRO

A história da Comunidade Evangélico-Luterana do Rio de Janeiro e do Colégio Cruzeiro, centenárias instituições cariocas, remonta aos primórdios da imigração alemã em terras brasileiras. Ambas as instituições são oriundas de uma marca indelével das antigas colônias alemãs: o surgimento praticamente simultâneo das comunidades eclesíastica e escolar.

Na primeira metade do século XIX, com o auxílio estratégico de uma intensa campanha promovida pelo governo imperial brasileiro, milhares de colonos alemães aportavam no Rio de Janeiro. Os que não engrossavam as tropas militares ou seguiam em busca de novas terras nos estados meridionais do Brasil, dedicavam-se, aqui, à manufatura, ao comércio, à indústria ou à agricultura. Eles tinham, na sua maioria, o objetivo de construir o seu destino nesta nova terra, o Brasil. Esta história teve como marcas a fé e a educação.

Em 1826 era fundada a primeira comunidade luterana do Rio de Janeiro e já em 1844 surgia o Deutscher Hilfsverein, a Sociedade Beneficente Alemã, que tinha como objetivo auxiliar os colonizadores alemães em suas mais diversas necessidades. Uma das lacunas era o setor educacional. Primeiramente, para assegurar a instrução das crianças, a Sociedade Beneficente auxiliava as famílias com dificuldades financeiras, custeando os estudos dos jovens na escola paroquial do pastor Avé-Lallemant, em funcionamento desde 1845. Em 1862 surgia a Deutsche Schule, a Escola Alemã, que após a Segunda Guerra Mundial, em 1947, no contexto do movimento nacionalista, foi denominada Colégio Cruzeiro.

Em sua trajetória de 145 anos, o Colégio Cruzeiro sempre manteve um estreito vínculo com a comunidade luterana. Embora a origem do educandário repouse sobre uma opção laica, alguns pastores exerceram inclusive a função de diretores da Escola Alemã:



Pastor Gruel

1865 a 1868 – Pastor Carl Wagner (natural de Württemberg)

1873 a 1903 – Pastor Carl Max Gruel (natural de Berlin)

1905 a 1936 – neste período o Pastor Ludwig Hoepffner (natural de Dannstadt) exerceu as funções de professor, vice-diretor e diretor.

O ano de 1925 foi trágico para a então denominada Paróquia Evangélica Alemã. O templo da comunidade foi totalmente consumido por um grande incêndio. Conforme o seu atual Pastor, o Sr. Dorival Ristoff, durante o período em que não existia uma nova edificação, as cerimônias religiosas eram celebradas nas dependências do Colégio Cruzeiro. Ainda hoje acontecem atividades da CELURJ no Colégio, principalmente encontros de jovens e palestras.



Pastor Hoepffner

A presença da orquestra formada por alunos do Colégio Cruzeiro é marcante nos cultos da comunidade luterana. Na cerimônia ecumênica da Festa de Maio do Retiro Humboldt, realizada a cada ano no Dia das Mães, a presença de um pastor luterano é uma tradição. A cerimônia também conta com o apoio de alunos músicos do Colégio.

O objetivo desta pequena crônica histórica é resgatar um

pouco desta já tão longa trajetória de parceria entre a Comunidade Luterana do Rio de Janeiro e o Colégio Cruzeiro.

Em nome do Colégio Cruzeiro parabênizo a Comunidade Evangélico-Luterana do Rio de Janeiro pela passagem de seus 180 anos de existência.



Culto na Festa de Maio – 14.05.2006

Everton Augustin é vice-diretor da unidade Centro do Colégio Cruzeiro

AGRADECIMENTOS

A Igreja Martin Luther, através de seu Conselho Paroquial, agradece às seguintes pessoas jurídicas e físicas, que, com suas doações colaboraram para a realização dos festejos dos 180 anos da presença luterana no Rio de Janeiro:

Agro Industrial Tabu Ltda – Destilaria Tabú
Associação Escolar e Beneficente Corcovado
Dannemann, Siemsen, Bigler & Ipanema Moreira
Detector
Família Weber
Flecha indústria e Comércio Ltda.
Gerdau Aços Longos SA
Gertrud Lundgren
H. Strattner
Helga Schaly
Hellmuth Wagner
Ilse Romano
Ingeborg Laaf
Instituto Robert Bosch
Laboratório B. Braun SA
Manuel Domingues e Pinho
Margot Hoffmann
MCP Münchmeyer Petersen do Brasil Ltda
Peter Dirk Siemsen
Rodolpho Georg
Rolf Michael e Christa Bohnhof
Vieira de Mello Advogados

Para nós, qualidade é mais do que uma palavra. É um compromisso.



Confiabilidade. Tecnologia. Expertise.

B | BRAUN
SHARING EXPERTISE

Av. Eugênio Borges, 1092 - Arsenal - 24751-000 - São Gonçalo - RJ - Brasil - S.A.C: 0800 227286 - www.bbraun.com.br



TECNOLOGIA TUBULAR EM EVENTOS

Tels.: [21] 2573.7610 / 2561.5197 / 2230.5010 / 2560.9774

somos herdeiros de nossas ações



Instituto Robert Bosch

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS PELO PERMANENTE APOIO ÀS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELA
IGREJA MARTIN LUTHER



UM OÁSIS NO PECHINCHA



- 3 ANOS EM JACAREPAGUÁ
- GASTRONOMIA ALEMÃ EM TODOS OS DETALHES
- CASA DE SÍTIO CERCADA DE MUITO VERDE
- AMBIENTES INTERNOS TÍPICAMENTE DECORADOS
- ESPECIALIDADES DA TRADICIONAL COZINHA ALEMÃ



Site: www.landhaus.com.br

e-mail: landhaus@landhaus.com.br

Av. Geremário Dantas, 615 - Pechincha - Jacarepaguá - RJ - Reservas: 3392-0107 e 2425-4683
Sextas: das 18h às 22h30min/sábados: das 13h às 23h/domingos: das 12h às 16h

20 anos em Jacarepaguá



Arquitetamos as melhores soluções para suas necessidades.



sistema

DYNAGRAFF • Planejamento e fabricação de pavilhões multifuncionais e acopláveis • Módulos metálicos, pré-fabricados, modulares e empilháveis de 2 e 3 andares • Design octogonal e retangular • Instalação rápida e limpa

Estrada dos Bandeirantes, 1600 - Jacarepaguá Tel/fax: 2426-2966 / 2426-3197
www.dynaplan.com.br • e-mail: dynaplan.vendas2@br.inter.net

DYNAPLAN[®]
Consultores Associados Ltda.

Panificação Hamburgo

Marca Hummel

Rua Paramopama, 41 - Ilha do governador - RJ
Tel. |21| 3396.1442 - Fax |21|3396.2590

www.paohamburgo.com.br

Margot Hoffmann

CRP-05/20392

PSICÓLOGA E PSICANALÍTICA
Associada ao Fórum de Psicanálise do Círculo
Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ)
Adolescentes - Adultos
Terceira Idade

PSYCHOLOGIN UND PSYCHOANALYSTIN
Mitglied im Fórum de Psicanálise do Círculo
Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ)
Jugentliche - Erwachsene
Drittes Lebensalter

Rua Farani, 42 Sala 507 - Botafogo - T.: |21| 2552-6884

“EM TUDO, DAÍ GRAÇAS”!...

1 Ts. 5, 18 a

Queremos nos unir às celebrações pelos 180 anos da Igreja Martin Luther,
com votos de um futuro abençoado.

FAMÍLIA WEBER - JUNHO 2007.

PSICÓLOGAS

Mônica Santana

CRP - 05/28446
Psicoterapia Junguiana
Arteterapia - Dependência Química
Orientação Vocacional - Psicodiagnóstico

Virgínia Schindhelm

CRP - 05/28508
Psicoterapia Humanista - Terapia Sexual

Largo do Machado - Tel.: (21) 2245-5771

HARMONIZANDO A VIDA
COM SAÚDE GLOBAL

DR^A. INGEBORG LAAF

GINECOLOGISTA - OBSTETRA - CRM 52-18455-0



Técnicas com tratamentos naturais, balanceamento muscular, body talk, radiestesia,
acupuntura, florais, partos naturais, na água, de côcoras Leboyeer.

A saúde integral e o bem estar são consequências da harmonia entre corpo e mente.

R.: Visconde de Pirajá, 550 sala 1012 - Ipanema

Tel.: |21| 2259-4245 - Fax.: |21| 2239-9057 - Cel.: |21| 7840-5814

ingeborglaaf@hotmail.com - www.ingeborglaaf.med.com

Cumprimento efusivamente todos os membros da CELURJ, que mantém viva a
Confissão Luterana que existe há 180 anos no Rio de Janeiro, e exorto-os a se
empenharem para tornar nossa Igreja cada vez mais atuante e pujante.

Enfrentemos com entusiasmo e unidos o nosso Futuro,
lutando por nossa Crença e Fé.

Rodolpho Georg

Presidente do Conselho da Paróquia Martin Luther

Este livro foi composto nos tipos
Rotis Sans, Rotis Serif e Edwardian Script
e impresso em papel pólen 90g e supremo 230g pela Rio BPC
Rio de Janeiro
Junho de 2007